

Como pais e mães percecionam a coparentalidade: Estudo qualitativo do percurso coparental após o nascimento do primeiro filho

Bárbara Freitas Macedo

M

2023



FACULDADE DE **PSICOLOGIA E DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**COMO PAIS E MÃES PERCECIONAM A
COPARENTALIDADE: ESTUDO QUALITATIVO DO
PERCURSO COPARENTAL APÓS O NASCIMENTO DA
CRIANÇA**

Bárbara Freitas Macedo

Junho 2023

Dissertação apresentada no Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde,
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto,
orientada pela Professora Doutora *Marisa Matias* (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do/da autor/a no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o/a autor/a declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O/A autor/a declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Antes de mais um especial obrigada à minha família e amigos por todo o apoio e ajuda que me deram ao longo deste longo percurso académico. Sem vocês a minha jornada teria sido impossível.

À Prof^a. Dr^a. Marisa Matias, pelo incansável acompanhamento e orientação na preparação e realização desta dissertação de mestrado.

A todos aqueles que participaram neste estudo, disponibilizando o seu tempo e experiência.

E por fim, a todas as pessoas envolvidas no projeto ADAPT, por me apresentarem e integrarem neste tema tão relevante que é a coparentalidade.

Sem vocês nada disto teria sido possível.

Resumo

A coparentalidade é um conceito extremamente relevante para compreender os sistemas familiares, conjugais e as relações estabelecidas com os filhos, contribuindo para a ampliação da compreensão das interações familiares. Posto isto, diz respeito aos esforços do casal perante as tarefas coparentais e desafios particulares emergentes da transição para a parentalidade. Como tal, assenta, sobretudo, em leituras que atendem aos membros do casal em conjunto, às suas dinâmicas e percepções do seu percurso desde a gravidez até aos primeiros anos de vida da criança. Neste sentido, existe pouca literatura que aluda à vivência da coparentalidade sob o ponto de vista individual de cada um dos pais, não evidenciando a sua experiência particular. O presente estudo pretende preencher esta lacuna através da exploração das percepções dos membros dos casais individualmente, de modo a identificar e analisar as congruências e incongruências entre os dois pais, assim como descrever o processo de construção da relação coparental durante o primeiro ano e meio de vida da criança. A amostra foi constituída por 10 casais heterossexuais portugueses ($N=20$) que foram pais à cerca de um ano e meio. Recorreu-se à metodologia qualitativa, através da administração individual de entrevistas semiestruturadas aos participantes, realizadas *online*. A análise dos dados subjacentes, através da análise temática, permitiu identificar duas dimensões principais: a primeira, *Dimensões da Coparentalidade*, que engloba 4 temas intimamente relacionados às componentes do modelo ecológico de Feinberg (2002); e a segunda, *Percepções Acerca do Processo*, em que os casais participantes refletem acerca do seu percurso e processo coparental ao longo dos dois temas subjacentes.

Palavras-chave: coparentalidade; congruência e incongruência; percurso coparental; pais de primeira viagem

Abstract

Coparenting is an extremely relevant concept to understand family and marital systems, and the relationships established with the children, contributing to the expansion of the understanding of family interactions. That said, it concerns the couple's efforts regarding coparenting tasks and particular challenges arising from the transition to parenthood. As such, it is based, above all, on readings that attend to the members of the couple together, their dynamics and perceptions of their journey from pregnancy to the first years of the child's life. In this sense, there is little literature that alludes to the experience of coparenting from the individual point of view of each parent, not evidencing their individual experience. The present study aims to fill this gap by exploring the perceptions of the members of the couples individually, to identify and analyze the congruences and incongruities between the two parents, as well as to describe the process of construction of the coparental relationship during the first year and a half of the child's life. The sample consisted of 10 Portuguese heterosexual couples ($N=20$) who had become parents a year and a half ago. The qualitative methodology was used through the individual administration of semi-structured interviews with the participants, carried out online. The analysis of the underlying data, through thematic analysis, allowed the identifications of two main dimensions: the first, *Dimensions of Coparenting*, which encompasses 4 themes closely related to the components of Feinberg's Ecological Model (2002); and the second, *Perceptions About the Process*, in which the participating couples reflect on their path and coparental process along the two underlying themes.

Keywords: coparenting, congruences and incongruities, coparenting journey, first-time parents

Résumé

La coparentalité est un concept extrêmement pertinent pour comprendre les systèmes familiaux et matrimoniaux et les relations établies avec les enfants, contribuant ainsi à élargir la compréhension des interactions familiales. Cela dit, il s'agit des efforts du couple face aux tâches de coparentalité et aux défis particuliers découlant de la transition vers la parentalité. En tant que tel, il est basé, avant tout, sur des lectures qui assistent les membres du couple ensemble, leurs dynamiques et leurs perceptions de leur parcours de la grossesse aux premières années de la vie de l'enfant. En ce sens, il existe peu de littérature qui fait allusion à l'expérience de la coparentalité du point de vue individuel de chaque parent, sans mettre en évidence leur expérience particulière. La présente étude vise à combler cette lacune en explorant les perceptions des membres des couples individuellement, afin d'identifier et d'analyser les congruences et les incongruïtés entre les deux parents, ainsi que de décrire le procès de construction de la relation coparentale au cours de la première année et demie de la vie de l'enfant. L'échantillon était composé de 10 couples hétérosexuels portugais (N=20) qui étaient parents depuis environ un an et demi. La méthodologie qualitative a été utilisée, par l'administration individuelle d'entretiens semi-structurés avec les participants, réalisés en ligne. L'analyse des données sous-jacentes, à travers l'analyse thématique, a permis d'identifier deux dimensions principales: la première, *Dimensions de la coparentalité*, qui englobe 4 thèmes étroitement liés aux composantes du modèle écologique de Feinberg (2002); et la deuxième, *Perceptions du Procès*, dans laquelle les couples participants réfléchissent à leur parcours et à leur processus coparental selon les deux thèmes sous-jacents.

Mots-clés: coparentalité; congruence et incongruence; parcours coparental; nouveaux parents

Índice

Introdução	9
1. Contextualização do conceito de coparentalidade.....	9
2. Modelos de coparentalidade	10
Estudo Empírico	16
1. O presente estudo	16
2. Método.....	16
2.1. Amostra	16
2.2. Procedimento de recolha de dados	17
2.3. Materiais de recolha de dados	18
2.4. Procedimento de análise de dados.....	18
Resultados e Discussão de Resultados	20
3. Perceções individuais da vivência da relação coparental na transição para a parentalidade.....	20
3.1. Dimensões da coparentalidade	20
3.2. Perceções acerca do processo de construção da relação coparental.....	22
4. Análise das congruências e incongruências intra-casal da vivência da relação coparental.....	23
4.1. Apoio coparental	23
4.2. Organização relativa à divisão de tarefas	25
4.3. Valores educativos.....	27
4.4. Gestão conjunta das relações familiares.....	29
4.5. Viagem de construção da relação coparental	32
4.6. Perceção relativa à cooperação coparental.....	34
Conclusão, Limitações e Futuras Investigações	36
Referências	38
Anexos	1
1. Anexo 1 – Síntese da caracterização da amostra	1
2. Anexo 2 – Consentimento informado.....	1
3. Anexo 3 – Questões do guião de entrevista analisadas no presente estudo	3
4. Anexo 4 – Temáticas e subtemas: definições e exemplos.....	3
5. Anexo 5 – Análise do perfil dos casais.....	3

6. Anexo 6 – Citações associadas à análise	3
--	---

Introdução

A coparentalidade é um conceito de grande relevância para a compreensão dos sistemas familiares, nomeadamente devido à conexão que apresenta com as relações conjugais e a forma como o casal se relaciona com os seus filhos (Van Egeren & Hawkins, 2004). Esta dimensão destaca-se particularmente no início do exercício do papel parental, visto que a parentalidade assenta numa transição de vida, em que o sistema familiar, anteriormente estabelecido como estando apenas assente na relação do casal, vai moldar-se de modo a incluir outros sistemas que se interrelacionam. Posto isto, após a entrada na parentalidade, o sistema familiar passa a integrar os subsistemas pai-filho, mãe-filho e as unidades coparentais. Assim, coloca desafios aos indivíduos ao nível da qualidade da relação conjugal e sua manutenção, bem como do *stress* experienciado (Feldman, 2000).

Neste sentido, estudos demonstram que a coparentalidade apresenta uma relação robusta e significativa com o exercício do papel parental, mais relevante do que outros aspetos específicos da relação conjugal, mediando, inclusive, a relação entre o conflito matrimonial e a parentalidade (Abidin & Brunner, 1995; Feinberg, 2002).

Como tal, é crucial para a compreensão destes fenómenos estudos empíricos que mostrem como esta relação é estabelecida e que incluam a perspetiva de ambos os pais (Frizzo et al., 2005), assim como uma análise compreensiva sobre a coparentalidade que permita aprofundar as interações e dinâmicas familiares além da tendência habitual da consideração apenas das interações mãe-criança, passando a representar todo o sistema familiar e ampliando a compreensão das interações familiares (Andolfi, 1996, citado por Frizzo et al., 2005).

1. Contextualização do conceito de coparentalidade

Coparentalidade refere-se, então, à coordenação de esforços parentais por parte dos membros do casal, englobando a forma como estes se apoiam ou prejudicam (Solmeyer & Feinberg, 2011), assim como comportamentos sistémicos de solidariedade, competitividade, hostilidade e envolvimento (Gordon & Feldman, 2008). Apesar de reconhecida a sua relevância, não se verifica consenso relativamente à sua definição e às medidas que lhe estão associadas. Contudo, a coparentalidade é tida como algo em si

mesma, ainda que se possa relacionar com o subsistema matrimonial (Van-Egeren & Hawkins, 2004). Isto porque representa um subsistema que emerge nas relações que se estabelecem entre os membros do casal e os seus filhos, assim como nas relações conjugais, pelo que estará mais relacionado com fatores proximais (e.g. ajustamento da criança e dos pais) do que com aspetos específicos do subsistema conjugal (Feinberg, 2002).

Este conceito aborda, assim, questões de como os pais/cuidadores se relacionam no que concerne ao seu papel enquanto figuras parentais (Feinberg, 2003), isto é, quando dois indivíduos se comprometem mutuamente a assegurar o bem-estar de uma ou mais crianças (Van Egeren, 2004) e negociam responsabilidades, papéis e contribuições face às mesmas (Feinberg, 2003). No entanto, as relações dos cuidadores com as crianças não se limitam a relações biológicas. De facto, a coparentalidade também se estabelece em casos de adoção e coabitação, ainda que a maioria da investigação se foque em cuidadores que se encontrem casados (Van Egeren, 2004).

Uma questão que se levanta quanto a este construto é o momento em que a relação coparental emerge. Considera-se, de forma simplista, que a coparentalidade se inicia aquando do nascimento do primeiro filho. Porém, tal é questionado por inúmeros autores, nomeadamente Feinberg (2003) e Van Egeren (2004), que observaram que casais que ainda estavam à espera do nascimento do primeiro filho já denotavam representações de si enquanto pais e co-pais. Posto isto, poderá considerar-se que a coparentalidade se inicia a partir do momento em que o casal aborda questões relacionadas a este conceito, nomeadamente a divisão de tarefas e o cuidado da criança, as formas como a irão educar e as aspirações para o futuro. Como tal, esta relação pode ocorrer ainda antes do nascimento e, inclusive, de o bebé ser concebido (Van Egeren & Hawkins, 2004).

2. Modelos de coparentalidade

Neste campo teórico podem ser evidenciados diferentes modelos de explicação da coparentalidade. Um primeiro modelo é o de Margolin et al. (2001) que, na sua tentativa de explicar e aprofundar o conceito de coparentalidade, propõem três dimensões: a quantidade de conflito entre pais, a cooperação e a triangulação. O conflito refere-se à quantidade de vezes que o casal discute e/ou discorda acerca de questões relacionadas com a criança, assim como sentimentos e comportamentos de hostilidade que emergem

nessas ocasiões. Tais situações podem culminar num dos pais minar a forma como o outro exerce a parentalidade, devido à discordância face às regras domésticas. A segunda dimensão, a cooperação, diz respeito ao apoio, respeito e valorização do parceiro enquanto pai, bem como à forma de auxílio na realização das tarefas parentais, diminuindo a exigência percebida das mesmas. Como tal, resulta de uma perceção das responsabilidades parentais comum, o que garante que o outro está disponível a todos os níveis para o seu filho. A forma como tal cooperação é percecionada será um fator central para que o casal exerça uma paternidade eficaz. Por fim, é proposta a dimensão relacionada à triangulação, que aborda a transgressão dos limites da relação pai/mãe-filho, na tentativa de estabelecer uma relação de aliança com a criança que exclua o outro cuidador. Evidentemente, isto implica envolver a criança nos conflitos do casal, uma vez que a pressiona a escolher um lado e a apoiar um pai em específico (Margolin et al., 2001).

Por sua vez, o modelo de Van Egeren e Hawkins (2004) destaca quatro premissas necessárias, de forma a distinguir o subsistema coparental dos restantes subsistemas familiares. A primeira diz que, para existir relação coparental, é necessário que, além do casal, exista um filho, uma vez que só os assuntos que digam respeito à criança se inserem na coparentalidade. Ou seja, tem de existir preocupação com os cuidados para com a criança e não simplesmente a preocupação com divisão de tarefas domésticas (Lamela et al., 2010). No entanto, Van Egeren (2003) admite que determinadas crenças e atitudes relativas à educação da criança, prévias ao nascimento da mesma, podem afetar o ajustamento posterior da díade coparental. Ademais, encontrou que a forma como as mulheres percecionam a parentalidade antes de se tornarem mães se associa à sua experiencição da coparentalidade. Estas informações contribuem para a perceção de que, mesmo antes do nascimento do primeiro filho, os pais já se percecionam enquanto pais.

Em segundo lugar, os autores referem a necessidade da existência de um parceiro. Assim, para que as dimensões de cooperação, conflito e solidariedade emirjam é condição necessária que exista mais do que uma pessoa a prestar cuidados coparentais, ainda que a coparentalidade possa ser estudada quer na díade de cuidadores quer individualmente para cada um dos elementos que a compõem. Em terceiro lugar encontra-se a referência à coparentalidade enquanto processo diádico, ou seja, a essência deste conceito está na díade de cuidadores que gerem todas as questões da esfera familiar, distinguindo-se, então, daquele que é o processo familiar. A última premissa a atender considera a coparentalidade enquanto um processo bidirecional, existindo mútua influência por parte de cada membro da díade em termos dos comportamentos por eles praticados. Posto isto,

a coparentalidade será resultado das interações recíprocas que se estabelecem entre os cuidadores (Lamela et al., 2010).

Além destas premissas, os autores ainda estabelecem algumas dimensões que caracterizam a coparentalidade. A primeira, relativa à solidariedade coparental, permite que a relação coparental apresente uma qualidade afetiva e duradoura, bem como permite a união e crescimento em conjunto dos seus integrantes, podendo ser observada, por exemplo, através da expressão de calor e emoções positivas de cada membro do casal enquanto estão a interagir com o seu filho, e da procura de manutenção de um sentimento positivo forte face à díade, mesmo na ausência do parceiro (McHale, 1997).

De seguida, o apoio parental consiste nos comportamentos, estratégias e esforços que cada cuidador procura realizar de modo a cumprir os objetivos estabelecidos para a coparentalidade. A perceção de apoio por parte do parceiro potencia uma relação parental de qualidade, cooperante e de segurança emocional, dependendo sempre das estratégias psicológicas que cada um utiliza de modo a fornecer tal apoio (Lamela et al., 2010).

Van Egeren e Hawkins (2004) apontam, ainda, a parentalidade apoiante, assente nas estratégias e comportamentos que permitem o atingir dos objetivos parentais, bem como na avaliação dos esforços efetuados pelo parceiro nesse âmbito. Assim, relaciona-se com a forma como se percebe a distribuição das responsabilidades inerentes à educação da criança e o envolvimento do parceiro com o filho (Lamela et al., 2010).

A última dimensão, sabotagem coparental, consiste na contraparte da parentalidade apoiante e inclui estratégias e comportamentos que impedem que o parceiro seja capaz de atingir os objetivos parentais, quer através de críticas às suas ações quer pelo desrespeito das decisões parentais por este tomadas (Van Egeren & Hawkins, 2004). As ações típicas deste tipo de parentalidade podem ser evidentes e de caráter hostil, através de críticas e insultos, ou, mais comumente, subtis e de caráter relativamente inócuo, por exemplo através da interrupção do outro para falar com a criança (Westerman & Massoff, 2001; Van Egeren & Hawkins, 2004).

Por fim, é de ressaltar o Modelo da Estrutura Interna e Contexto Ecológico da Coparentalidade de Feinberg que inclui quatro componentes: apoio *versus* sabotagem; discordância face à educação da criança; repartição de deveres, tarefas e responsabilidades; e gestão dos padrões de interação (Feinberg, 2002).

A primeira componente refere-se ao apoio *versus* sabotagem, ou seja, ao apoio que cada membro do casal fornece ao outro. Tal pode ser efetuado através da afirmação das suas competências parentais, do apoiar da autoridade na tomada de decisões e do

reconhecimento e respeito pelas contribuições do outro (Feinberg, 2002). A contraparte negativa deste processo, a sabotagem, assenta numa expressão de hostilidade e afeto negativo dirigida ao parceiro (Lamela et al., 2010).

De seguida, a discordância face à educação da criança está relacionada às diferentes opiniões que os pais têm relativamente à disciplina, aos valores morais, à segurança, às formas de educação e suas prioridades, apresentando um papel central na coerência das práticas disciplinares. Esta componente influencia a vida familiar e os restantes componentes da coparentalidade. Contudo, a sua presença no casal não é necessariamente negativa, visto que podem verificar-se, mesmo assim, níveis elevados de apoio se os pais estabelecerem como acordo o facto de discordarem entre si. Como tal, são capazes de respeitar o outro e negociar ativamente a resolução deste desacordo (Feinberg, 2002).

A terceira componente diz respeito à divisão do trabalho, ou seja, à repartição de deveres, tarefas e responsabilidades relacionadas aos cuidados da criança, às rotinas diárias e às tarefas do seio doméstico, assim como às questões financeiras, médicas e legais (Feinberg, 2002).

Por fim, aborda a gestão dos padrões de interação dos pais na família, em particular na forma como, em conjunto, gerem a sua família e modelam todas as interações que nesta se estabelecem. Além disso, tem por objetivo a promoção do autocontrolo sobre os estilos comunicacionais e comportamentais, bem como o estabelecer das fronteiras da família (Lamela et al., 2010). Feinberg (2002) considera que esta engloba três aspetos, sendo eles o conflito, o equilíbrio e alianças. Dentro destes é de destacar o conflito, uma vez que este só se enquadra no âmbito da coparentalidade quando ocorre face a questões relacionados com o filho e/ou na presença do mesmo.

A pertinência deste modelo prende-se, desde logo, por se basear noutros modelos, entre os quais aquele proposto por Margolin et al. (2001), e ter incluído outras dimensões, como a divisão do trabalho e o equilíbrio das interações familiares. Denota-se a preocupação do autor com a elaboração de um modelo compreensivo que tivesse por base a literatura pré-existente e que melhorasse os aspetos relacionados à forma como os cuidadores gerem a dinâmica familiar e os efeitos emocionais (De Carvalho, 2020). Comparando com o modelo de Van Egeren e Hawkins (2004), ambos abordam as questões relacionadas à competitividade que culmina em conflito, mas o modelo de Feinberg adiciona a descrição de desacordos menos intensos que podem impactar os filhos positiva ou negativamente, conforme são bem ou mal resolvidos (De Carvalho,

2020). Finalmente, este modelo apresenta uma visão contextual da relação coparental, vendo-a como um processo familiar passível de influenciar e ser influenciado por fatores externos, e permitindo explorar os mediadores e moderadores que se relacionam ao ajustamento e bem-estar dos membros da família (Lamela et al., 2010).

Atendendo a todas estas questões, o modelo de base deste estudo será o Modelo da Estrutura Interna e Contexto Ecológico da Coparentalidade de Feinberg, uma vez que se verifica uma procura ativa pela sustentação daquilo que são os pressupostos considerados, com base em investigações prévias.

Dado que as avaliações face à coparentalidade são construídas de modo distinto entre os pais e as mães e que estes contribuem em diferentes graus para a determinação da coparentalidade (Van Egeren, 2004), uma questão importante assenta no acordo ou desacordo dos membros do casal face às diferentes dimensões da coparentalidade. Efetivamente, Favez et al. (2015) apontam para que a cooperação observada entre os pais aquando de interações familiares, tão cedo quanto nos primeiros anos após o nascimento do seu filho, pode ser prevista pelo grau de desacordo e discrepância que estes evidenciam quanto à coparentalidade e parentalidade aquando da gravidez. De facto, quanto mais discrepante é a perceção das mães quanto às suas crenças parentais face à dos seus companheiros, maiores dificuldades são evidenciadas no intervalo de três meses após o nascimento da criança (McHale et al., 2004). No entanto, tal pode ser encontrado ainda antes do parto, com McHale e Rotman (2007) a encontrar que a discrepância face à parentalidade neste momento prevê uma menor solidariedade parental aos 12 e aos 30 meses após o nascimento da criança.

Além disso, Favez et al. (2015) apontam para que a cooperação que se observa entre os cuidadores depende do seu grau de acordo quanto às crenças relativas à educação dos filhos e da sua competência enquanto pais. Acrescenta-se, ainda, que nos casos em que se verifica discrepância quanto ao papel da mãe na família, tal será o melhor preditor de conflito, ocorrendo no sentido de quanto mais discrepante é a visão que a mãe tem face ao seu papel em comparação ao pai, mais conflito se evidencia na sua interação com o filho. Assim, ainda que se fale da discrepância de papéis de cada um, verifica-se relação com discrepância de visões face à coparentalidade, visto que uma parece influenciar a outra.

Ademais, a forma como os membros do casal experienciam a coparentalidade pode ser distinta entre si, sendo que em famílias em que se denota uma coparentalidade discrepante, os pais homens percecionam-na enquanto não estando a funcionar da melhor

forma, ao passo que as mães tendem a não ver a coparentalidade como sendo pobre (Van Eagen, 2004). Tal pode dever-se ao fenómeno de *gatekeeping* materno, ou seja, as mães procurarem tomar todas as responsabilidades pelo cuidado da criança, excluindo o pai no envolvimento com o filho. Posto isto, a coparentalidade será discrepante, devido à ausência de igualdade no desempenho do papel coparental (Van Eagen, 2004).

A pertinência desta questão denota-se, além do já mencionado, pelo facto de que, perante incongruências face à vivência da coparentalidade, os pais podem envolver-se cada vez menos nos cuidados dos seus filhos, sobretudo quando comparado com a sua expectativa pré-nascimento, o que culmina numa fraca experiência da coparentalidade (Van Eagen, 2004). Ademais, quanto maiores as diferenças de perceção por parte dos pais, menor é a solidariedade que cada um experimenta na relação coparental (Mangelsdorf et al., 2011).

Deste modo, e tendo em conta as evidências relativas à forma como cada um dos pais perceciona as suas ações enquanto parte da relação coparental, e a forma como essa perceção é corroborada pelo seu parceiro, parece importante assumir uma visão diádica que permita aprofundar a compreensão relativa à dinâmica familiar aquando da chegada e nos primeiros anos do filho (McHale et al., 2000).

Estudo Empírico

1. O presente estudo

O presente estudo tenciona explorar, através de uma metodologia qualitativa, quais as percepções que cada membro do casal apresenta face à vivência da relação coparental após o nascimento do filho, de modo a analisar as congruências e incongruências entre os dois pais nestas percepções e descrever o processo de construção da relação coparental durante o primeiro ano e meio de vida da criança.

A opção por uma abordagem qualitativa passa pelo facto de esta possibilitar grande diversidade complexidade, a identificação de nuances relevantes aos temas a estudar (Holloway & Todres, 2003), além de tratar-se de um procedimento que permite a emergência de novos conceitos e dá possibilidades de novas interpretações teóricas, enquanto se baseia, simultaneamente, na literatura pré-existente (Neuman, 2006, citado por Choy, 2014). Simultaneamente, permite uma melhor compreensão daquela que é a condição e percepção humanas relativamente a inúmeros contextos e situações (Bengtsson, 2016).

Assim, as questões de investigação são as seguintes:

- 1) Quais as dimensões da relação coparental percebidas pelos recém pais e mães?
- 2) De que forma percecionam os recém pais e mães a construção dessa relação?
- 3) Será que pais e mães apresentam visões congruentes ou discrepantes nestas dimensões?

2. Método

2.1. Amostra

A amostra do presente estudo compreende 10 casais ($N=20$) de nacionalidade portuguesa, heterossexuais e que foram pais pela primeira vez à cerca de um ano e meio, data acordada pelos países envolvidos no projeto Copa para os participantes da segunda fase deste projeto.

Foram entrevistadas 10 participantes do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 22 e os 43 anos ($M=32,4$; $DP=3,36$). A maioria apresenta um

curso superior (2 licenciaturas e 2 mestrados) e 1 apresenta o 12º ano de escolaridade. Todas elas se encontram empregadas no momento, com apenas 1 a trabalhar um máximo de 30 horas semanais e as restantes, em média, 42,5 horas ($DP=7,5$). Foram, também, entrevistados 10 participantes do sexo masculino, com idades entre os 22 e os 40 anos ($M=32,4$; $DP=2,92$). Apenas 2 não apresentam cursos superiores (1 com 9º ano e 1 com 12º ano), enquanto nos restantes 3 têm licenciaturas. Apenas 1 não se encontra empregado, estando a usufruir de uma licença de acompanhamento do seu cônjuge, sendo que os restantes trabalham, em média, 46 horas ($DP=4,15$).

Dos casais participantes, 4 encontram-se casados e 1 em união de facto. O rendimento mensal líquido predominante é de 1200€ a 1800€, sendo que apenas 2 participantes referem rendimentos de 600€ a 1200€ e 1 casal aponta rendimentos superiores a 4200€ mensais.

As características sociodemográficas da amostra encontram-se detalhadas no Anexo 1.

2.2. Procedimento de recolha de dados

Para responder às questões de investigação, realizaram-se entrevistas semiestruturadas com os casais participantes do projeto CopaGloba: *Learning to coparent: A longitudinal, cross-national study on construction of coparenting in transition to parenthood*. O estudo apresenta um desenho longitudinal em que foram entrevistados casais que se encontravam no terceiro trimestre de gestação do seu primeiro filho e após um ano e meio do nascimento da criança. Os dados recolhidos no âmbito do presente estudo dizem respeito apenas às entrevistas realizadas nesta segunda fase do projeto. O estudo foi aprovado pela Comissão de Ética da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (Parecer 2020/02-4).

Foram realizadas entrevistas online, via *Zoom*, com cada membro do casal em separado, de modo a captar particularidades no discurso de cada um. Estas decorreram entre agosto e novembro de 2022, com uma duração efetiva entre os 30 e os 84 minutos. Todas elas foram gravadas e armazenadas num local seguro até à realização da transcrição dos dados recolhidos. Posteriormente, estes ficheiros foram eliminados. Todo este processo foi informado aos participantes, tendo sido obtido o seu consentimento (Anexo 2).

Após a realização da entrevista os participantes preencheram um questionário referente aos dados sociodemográficos, através do limesurvey.

2.3. Materiais de recolha de dados

Como anteriormente referido, recorreu-se à entrevista semiestruturada para proceder à recolha de dados e, assim, responder às questões de investigação.

Foi realizado um teste piloto ao guião de entrevista com um casal não participante do estudo, de modo a aferir a compreensão das questões, resultando em pequenas alterações na formulação das mesmas, assim como na ordem de apresentação. A versão final do guião compreendeu temas relacionados ao desenvolvimento da relação coparental após o nascimento da criança, às dinâmicas da relação de casal e às vivências da parentalidade, utilizados para análise no presente estudo (Anexo 3).

Além disso, recolheram-se, através de um questionário, dados sociodemográficos relevantes para a caracterização da amostra (Anexo 1).

2.4. Procedimento de análise de dados

Para a análise dos dados recolhidos neste estudo recorreu-se à análise temática, método que permite a identificação, análise e reporte dos padrões presentes nos dados recolhidos num estudo qualitativo, possibilitando a exploração da realidade dos participantes e atendendo aos seus significados e experiências, assim como reconhecendo o papel da sociedade nestes processos (Boyatzis, 1998; Willig, 1999, citados por Braun & Clarke, 2006).

Quanto ao procedimento de análise adotado, este alinha-se às etapas típicas de análise temática, identificadas por Braun e Clark (2006). Ou seja, procedeu-se da seguinte ordem: 1) familiarização com os dados; 2) codificação inicial; 3) procura de temas; 4) revisão dos temas; 5) definição e nomeação desses temas; e 5) elaboração do relatório.

Assim, foi efetuada a transcrição das entrevistas de forma a facilitar a familiarização com os conteúdos e iniciar-se o processo de codificação. Foi utilizado um código de cores para organizar os dados em grupos que permitissem a leitura dos padrões emergentes.

Seguidamente, procurou agrupar-se os mesmos consoante as temáticas emergentes, originando o primeiro esboço de temas para a leitura dos excertos identificados enquanto relevantes. Este processo foi discutido em vários momentos com uma segunda leitora dos excertos das entrevistas.

Após se ter estabelecido o agrupamento de códigos e respetivos temas aplicou-se essa organização na codificação dos restantes dados, levando à releitura de todos os dados

e culminando no agrupamento e na separação de alguns temas e subtemas, de modo a potenciar uma visão clara dos dados.

De seguida, nomearam-se os temas emergentes, de forma que estes transmitissem claramente a informação neles englobada. Deste modo, a análise articulou, simultaneamente, um processo dedutivo, dado que alguns temas emergentes se relacionam intimamente com as dimensões do modelo ecológico de Feinberg, e um processo indutivo, dado que os temas identificados se relacionam intimamente com os dados recolhidos (Braun & Clarke, 2008).

Finalmente, numa nova etapa, procurou-se analisar as congruências e incongruências entre os dois elementos do casal sobre os temas. Para isso foi criada uma tabela na qual se procedeu à anotação par a par dos temas e subtemas abordados por cada participante ao longo das suas entrevistas, tendo, ainda, sido efetuada uma leitura final dos dados sob o ponto de vista de casal. Assim, efetuou-se uma análise dos conteúdos, comparando para cada tema e subtema abordados os dados e perspetivas dos casais, atribuindo uma conotação de congruência ou incongruência, e fazendo, ainda, uma reflexão casal a casal das perspetivas e experiências manifestadas.

Resultados e Discussão de Resultados

A análise dos dados permitiu identificar seis temas e dezassete subtemas, entre as duas dimensões centrais emergentes. Alguns dos subtemas ainda se repartiram em nove categorias de quarta ordem.

A primeira dimensão surge associada às quatro componentes identificadas por Feinberg, designando-se, assim, por *Dimensões da Coparentalidade* (Tabela 1). A segunda dimensão emerge diretamente dos dados, fazendo alusão às *Percepções Acerca do Processo*, em que os casais entrevistados refletem acerca do seu percurso e processo coparental (Tabela 2).

Em seguida, os temas e subtemas subjacentes a estas dimensões serão explorados, procedendo-se à discussão dos mesmos à luz da literatura. Citações para cada um destes podem ser encontradas no Anexo 4. Numa segunda etapa serão apresentados e discutidos os resultados tendo em conta uma análise diádica sobre os temas referidos.

No Anexo 5 é, ainda, brevemente efetuada uma análise do perfil de cada casal, evidenciando especificidades relevantes para a compreensão das congruências ou incongruências encontradas na segunda etapa.

3. Percepções individuais da vivência da relação coparental na transição para a parentalidade

3.1. Dimensões da coparentalidade

Tabela 1: Temas e subtemas relacionados às Dimensões da Coparentalidade

Dimensões da Coparentalidade	Apoio Coparental	Coparentalidade	Instrumental
		Apoiante	Relacional/Emocional
			Não Especificado
		Desconexão	Instrumental
			Relacional/Emocional
	Organização Relativa à Divisão de Tarefas	Estabelecida	
		Flexível	
	Valores Educativos	Em Acordo	
		Em Desacordo	

Gestão Conjunta das Relações Familiares	Estabelecidos
	Unilateralmente
	Distribuição de Tempo e Atenção Privilegiando as Necessidades da Criança
	Criação de Espaço para o Casal
	Desafios à Gestão
	Papel da Comunicação
	Parentalidade a Potenciar a Proximidade do Casal

O tema ***Apoio Coparental*** associa-se à primeira componente do modelo de Feinberg, que diz respeito ao apoio da autoridade na toma de decisões e nas competências parentais, através do respeito e reconhecimento das contribuições do companheiro (Feinberg, 2002). Porém, a sua contraparte negativa, a sabotagem, expressa por hostilidade e afeto negativo (Lamela et al., 2010), não foi identificada nos discursos dos participantes. Surgiu, contudo, a expressão de alguma desconexão entre os membros do casal no que concerne à forma como o apoio coparental se operacionaliza.

Assim, o apoio tem como intuito direcionar a tarefa coparental no sentido de atingir os objetivos estabelecidos (*Apoio Instrumental*) e/ou facilitar o papel do outro relativamente ao seu desempenho na tarefa coparental, através de palavras de encorajamento e/ou do *feedback* dado (*Apoio Relacional/Emocional*). Existem, ainda, relatos de apoio sem especificação da sua operacionalização (*Não Especificado*). Já a *Desconexão* assenta nos comportamentos ou atitudes que revelam a não compreensão por parte do parceiro das necessidades de apoio na tarefa coparental, dificultando o cumprimento dos objetivos estabelecidos. Identificam-se, portanto, falhas no apoio ao nível das tarefas a desempenhar (*Instrumental*) e do encorajamento ou do *feedback* (*Relacional/Emocional*).

O tema ***Organização Relativa à Divisão de Tarefas*** assenta nas tarefas, deveres e responsabilidades associadas ao cuidado da criança e do seio familiar, bem como às rotinas, questões financeiras, médicas e legais (Feinberg, 2002). Mais concretamente, os participantes referem-se a uma divisão claramente estabelecida, com atribuição de papéis específicos dentro do trabalho coparental (*Divisão Estabelecida*), ou à adoção de uma

postura mais flexível, com divisão de tarefas ajustada no momento e com alternância das responsabilidades coparentais (*Divisão Flexível*).

Já os **Valores Educativos** consistem no alinhamento perante a disciplina, valores morais, segurança, formas de educação e suas prioridades, constituindo um papel central na coerência das práticas disciplinares, associada à partilha ou não de responsabilidades na definição destes valores (Feinberg, 2002). Assim, os participantes descrevem situações em que se encontram *Em Acordo*, existindo partilha destes valores e contribuição simultânea para esta tarefa; *Em Desacordo*, com ambos a discordar perante aspetos da educação da criança e a procurarem contribuir simultaneamente para o seu estabelecimento; e situações em que estes valores parecem ser *Estabelecidos Unilateralmente*, isto é, um membro do casal sobrepõe-se no seu estabelecimento.

Por fim, encontramos a dimensão relativa à **Gestão Conjunta das Relações Familiares**, que consiste na forma como, em conjunto, o casal gere a sua família e modela todas as interações que nesta se estabelecem (Feinberg, 2002). Este tema compreende cinco subtemas: *Distribuição do Tempo e Atenção Privilegiando as Necessidades da Criança*, que consiste na forma como o tempo é organizado em termos do cuidado dos filhos, realização de tarefas domésticas e outros aspetos relacionados à vida em família; *Criação de Espaço para o Casal*, relativa ao tempo e espaço disponíveis para o casal, excluindo questões relacionadas aos filhos; *Desafios à Gestão*, assente nas dificuldades percecionadas relativamente à gestão da vida familiar; *Papel da Comunicação*, referente à forma como o casal comunica face aos mais diversos temas da vida familiar e em geral; *Parentalidade a Potenciar a Proximidade do Casal*, alusiva à forma como a relação do casal evoluiu após o nascimento da criança.

3.2. Perceções acerca do processo de construção da relação coparental

Tabela 2: Temas e subtemas relacionados às Perceções Acerca do Processo Coparental

Perceções Acerca do Processo Coparental	Processo de Construção da Relação Coparental	Organização do Trabalho Coparental
		Crescimento Pessoal e
		Enquanto Casal
		Desafios Percecionados ao longo da Viagem Coparental
		Interajuda

Perceção Relativa à Cooperação Coparental	Funcionamento	
	Enquanto Equipa Coparental	Comunicação
	Desajuste no Funcionamento em	Trabalho Coparental
	Equipa Coparental	Comunicação

O tema ***Processo de Construção da Relação Coparental*** assenta na reflexão, por parte dos casais, sobre o seu percurso coparental até ao momento presente. Assim, emergem discursos relacionados à *Organização do Trabalho Coparental*, que revelam ajustes efetuados ao longo do tempo e assentes na gestão das exigências impostas pelo nascimento de uma criança, e a *Desafios Percecionados ao Longo da Viagem Coparental*, com foco nas dificuldades, particularmente emocionais, subjacentes à gestão destas tarefas. Finalmente, verifica-se conteúdos relacionados à percepção de *Crescimento Pessoal e Enquanto Casal* derivado das experiências coparentais.

Por fim, o tema ***Perceção Relativa à Cooperação Coparental*** subdivide-se em percepções sobre o *Funcionamento Enquanto Equipa Coparental*, que assenta em interajuda e comunicação positiva como forma de organização do trabalho coparental, e em *Desajuste no Funcionamento em Equipa Coparental*, a contraparte negativa, que assenta nas dificuldades ao nível da comunicação e de partilha, bem como na sobrecarga relativa ao trabalho coparental desempenhado, que dificultam o bom funcionamento da relação coparental.

4. Análise das congruências e incongruências intra-casal da vivência da relação coparental

4.1. Apoio coparental

No que concerne este tema, verifica-se maior tendência para os membros do casal se referirem a um apoio de carácter mais **instrumental**, acentuando a forma como o pai auxilia a mãe no cumprimento das tarefas coparentais, mas com alguns casais a destacar este apoio tanto na forma como apoiam quanto como se sentem apoiados.

C4E: “se eu precisar ele (...) coopera comigo e vai levá-la, por exemplo todos os dias de manhã, à creche (...) ou se eu precisar de fazer outra coisa ele estar apto.

(...) o apoio que eu dou é ao nível, pronto, de experiência, conhecimento (...) acabamos por partilhar um bocadinho o que sabemos entre ambos.”

C4O: “quando há tarefas que exigem alguma ajuda, eu procuro estar sempre lá presente, e ela também para mim”.

Verifica-se, ainda, grande congruência entre as perspetivas das mães e dos pais quanto a esta vertente. O mesmo ocorre perante a um apoio de carácter mais **emocional**, com alguns casais a apontar a forma como a mãe apoia o seu companheiro, e vice-versa, bem como atendendo a reciprocidade.

C4E: “ajudando a estar à vontade, sem pressão, evita que esteja muito stressado, tento ser calma e respeitar, também, o facto de ser homem, diferença de género e tudo isso”.

C4O: “elogiar a forma como essa pessoa faz essas tarefas (...) gosto que me digam que estou a fazer um bom trabalho e que estou a ser bom pai (...) acho que isso dá força para continuar em frente”.

Por outro lado, é de apontar que alguns participantes se referem ao apoio de uma forma mais global, sem especificar as vertentes que lhe estão associadas, o que não implica nem uma visão congruente nem incongruente perante a operacionalização do apoio (Anexo 6).

Assim, verifica-se realce dos participantes relativamente a este tema, tornando-o um dos que recebeu maior atenção da sua parte, destacando-se, particularmente, o apoio instrumental. Tal pode dever-se ao facto de, como Cowan e Cowan (1988a, citado por Feinberg, 2002) identificam, as mães tenderem a percecionar as tarefas domésticas enquanto o aspeto mais importante para o desencadear de conflitos com o seu companheiro no período pós-parto.

Contudo, dois casais demonstram incongruência face ao apoio percecionado. Por exemplo, no casal C3, verifica-se que o pai perceciona o apoio **instrumental** de forma positiva, enquanto a mãe o reporta como algo mais desconexo.

C3E: “tenho que dizer ‘Olha, por favor, em vez de te sentares logo a ler, eu sei que estás cansado, mas por favor ajuda-me a tirar a mesa. Ou ajuda-me a (...) acabar isto aqui’. (...) às vezes tenho que verbalizar isso. E gostaria (...) de ter de o fazer menos vezes, de ter um apoio mais (...) orgânico.”

C3O: “acho que não temos quaisquer problemas em chamar a atenção do outro (...) Normalmente, mais a C3E do que eu (...). É o ajudar o outro quando o outro

está a fazer alguma coisa com a bebé. É o disponibilizar-se para aliviar a carga de trabalho”.

O mesmo ocorre perante o apoio **emocional**, com um distanciamento de visões quando o subtema é explorado, com a mãe a apontar aspetos mais negativos, operacionalizados pela dificuldade do seu companheiro compreender algumas das suas necessidades.

C3E: “Às vezes não (...) percebe que eu preciso dele de uma determinada forma, não necessariamente (...) para ser mãe, mas para (...) não ter que fazer determinadas coisas sozinha”.

Deste modo, percebe-se que as divergências ocorrem devido ao relato das mães de desconexão em algum momento da viagem coparental, enquanto o seu parceiro não aborda nada neste sentido, o que, como refere Arendell (1996), ocorre tipicamente, com as mulheres a evidenciar insatisfação com o apoio conferido pelos seus companheiros face ao envolvimento nas tarefas domésticas e na parentalidade em geral, enquanto os homens ou não se demonstram insatisfeitos ou o fazem em menor medida.

Ademais, o funcionamento do casal, nos diferentes domínios da coparentalidade, está diretamente relacionado com o apoio conjugal percecionado, tratando-se da maior influência no ajuste e eficácia parental durante a fase de formação familiar, pelo que a congruência de perspetivas apresenta extrema relevância. Encontra-se, ainda, interligação do apoio com a depressão pós-parto e ajuste materno (Feinberg, 2002), sendo a perceção de ausência de apoio por parte do pai o fator prevalecte (O’Hara & Swain, 1996). Neste estudo, contudo, não se verifica esta relação, dado que apenas um dos casais que apresenta visões incongruentes (i.e. um dos participantes reporta falhas no apoio) evidencia, no geral, maior número de incongruências assentes em desconexão em outras áreas de funcionamento coparental. Ao mesmo tempo, um casal que percebe positivamente o apoio apresenta grande número de visões incongruentes em outras áreas da coparentalidade, o que aponta para dificuldades nesta relação (Tabela 3).

4.2. Organização relativa à divisão de tarefas

Perante este tema, a maioria dos participantes reportam, de forma congruente e com conotação positiva, que apresentam ou apresentaram uma organização com tarefas especificamente designadas, ou destacam flexibilidade na sua repartição, alternando

tarefas e papéis consoante o necessário em cada momento. Contudo, mesmo aqueles que relatam uma divisão estabelecida referem que, se necessário, conseguem alternar entre si, não havendo, por isso mesmo, regras rígidas para aquilo que cada um desempenha no seio familiar.

C1E: “Eu tomava conta de tudo o que era da *Menina* e o meu marido tomava conta de tudo o que era da casa: compras, comida, limpezas, tudo.”; “O primeiro que chega ao pé dessa coisa faz. Nós não temos regras (...) nós vamos fazendo as coisas de uma forma espontânea”.

C1O: “a minha esposa (...) acaba por cuidar mais da *Menina* (...) [*porque*] acaba por ter mais facilidade do que propriamente eu”; “há coisas que são faladas, mas é quase tudo por intuição. Se a minha esposa não estiver, estou eu, vou fazer exatamente a mesma coisa que ela.”

Estes achados afastam-se daqueles que Patterson et al., (2004) apontam no seu estudo, que identificou que casais heterossexuais evidenciam tendencialmente uma divisão de tarefas específica, associada à existência de variáveis estruturais. Ou seja, as decisões acerca de quem faz o quê relacionam-se intimamente com a disponibilidade percebida pelos membros do casal, sendo expectável que adote maiores responsabilidades coparentais aquele que apresenta menor carga horária na sua atividade laboral. Contudo, no presente estudo, prevalece a referência a um número idêntico de horas dedicadas à atividade laboral pelos membros do casal, pelo que a divisão fixa de tarefas é associada às competências e facilidades de cada um perante a gestão da vida doméstica. Tal pode explicar a flexibilidade referida pelos casais face à gestão das tarefas coparentais.

Além disso, ainda que as mulheres estejam cada vez mais empregadas a tempo inteiro, continuam a exercer um maior papel no que diz respeito às tarefas domésticas e ao cuidado da criança, o que culmina em relatos de descontentamento associados à sobrecarga sentida (Bateman & Bharj, 2009), algo particularmente evidente na participante C1E, que aborda que estas tarefas ficaram maioritariamente a seu cargo num momento inicial, resultando em grande sobrecarga e dificuldade em gerir as emoções associadas.

Por outro lado, evidencia-se incongruência nos casais C4 e C5, com as mães a apontar para tarefas estabelecidas, enquanto os pais homens veem esta organização de forma mais flexível, com alternância de papéis consoante as situações.

C4E: “fomos vendo o que cada um era mais competente a fazer (...), acabamos por dividir assim mutuamente, eu mais cuidados de higiene; ele preocupa-se mais com a alimentação e com a parte mais de lazer dela. (...) também por ajuste de necessidades dela e ir gradualmente ajustando”

C4O: “não existe assim uma organização rígida. (...) no dia falamos das tarefas (...) e tentamos atribuir ou dividir as tarefas de igual maneira, alguém fica a tratar da parte da cozinha, se calhar outro fica a tomar conta da *Menina* ou a dar-lhe banho, vamos dividindo.”

Estas incongruências podem dever-se ao facto de as mães portuguesas apresentarem um papel predominante no que respeita a organização das tarefas e dinâmicas do seio familiar (e.g. cuidado da criança), seguindo o sentido mais tradicional, com o pai colaborando com ela, no sentido de fornecer suporte perante as mesmas. Assim, estando as mães mais envolvidas nas tarefas diárias da criança, culmina em que estejam, também, mais avançadas no que concerne ao seu planeamento e organização (Wagner et al., 2005). Tal ocorre em oposição ao ideal atual da coparentalidade, que consiste numa partilha equitativa de responsabilidades por parte dos pais, em oposição à atribuição específica de papéis que serão complementares (Monteiro et al., 2008).

4.3. Valores educativos

Face aos valores educativos, verifica-se uma inversão da tendência verificada até então, com a maioria dos casais a apresentar visões incongruentes. De facto, apenas dois dos casais evidenciam discursos congruentes face àquilo que pretendem para as suas filhas (Tabela 3).

Efetivamente, percebe-se que todos os casais apontam, num momento inicial, no sentido de existir congruência perante o estabelecimento dos valores educativos. Contudo, após algum aprofundamento esta ideia é refutada, por exemplo, pela identificação de primazia de um dos pais no estabelecimento das regras, padrão discursivo típico das mães, ainda que uma considere que o pai tem uma voz mais ativa nestas decisões, apontando dar-lhe grande liberdade (Anexo 6).

C5E: “há certas questões que nós às vezes não concordamos, e aí às vezes é um bocado chato. Principalmente quando ele diz que a minha opinião vale mais do que a dele, e eu também acho. Até tento dizer: ‘não é assim’, mas realmente eu às vezes não quero saber, tem que ser como eu quero (...), às vezes eu sei que ele tem razão, mas não o consigo fazer.”

C5O: “normalmente estamos de acordo das regras impostas, (...) foi se ajustando também. (...) a gente vai se adaptando.”

O papel da mulher no sistema familiar tem vindo a sofrer grandes alterações, muito devido à sua contestação pelos movimentos das mulheres e do direito dos pais, que exigem que ambos os membros do casal adotem papéis equitativos na educação dos filhos (Maccoby et al., 1993). Porém, mesmo com alterações nestas normas, os locais de trabalho ainda impõem expectativas incrivelmente altas às mães face à distribuição do seu tempo, criando altos níveis de exigência e intensidade (Bianchi et al., 2006), o que pode explicar que neste estudo se encontre uma definição de papéis mais guiada pelas normais tradicionais de género. Assim, a adesão das mães às normas da maternidade pode fazer advir problemas no sistema familiar, nomeadamente quanto ao envolvimento dos seus companheiros no seu próprio papel parental e na disponibilidade emocional para a criação de vinculação com a criança (Schoppe-Sullivan et al., 2021)

Existem, ainda, casais que identificam temas específicos que causam divergência, assim como apresentam discursos visivelmente opostos quanto ao grau de permissividade e rigidez na aplicação de regras, com as mães a considerarem que são vistas enquanto permissivas e os pais a apontá-las enquanto mais rígidas.

C3E: “ele às vezes acha que eu sou demasiado permissiva em relação a certas coisas que ela pede. (...) Eu acho que o C3O gostaria que eu fosse mais... mais coerente”

C3O: “Normalmente, a C3E acho que é mais exigente do que eu”

A incongruência torna-se, assim, mais evidente pelo facto de só um dos membros dos casais abordar estas questões, ou o companheiro evidenciar uma leitura totalmente diferente. Além disso, verifica-se contradição com a literatura, dado que esta aponta para que as mães adotem tipicamente um papel mais orientador e os pais mais diretivo (McLaughlin, 1983). Assim, ainda que o discurso das mães surja associado a estes achados, os pais homens tendencialmente consideram-nas mais exigentes, papel tradicionalmente associado ao seu género.

Esta é uma questão particularmente relevante dado que a coparentalidade se torna ainda mais proeminente na idade atual das crianças cujos pais participaram neste estudo. Isto é, o facto de as divergências surgirem cedo pode vir a resultar em dificuldades acrescidas na aliança coparental, aquando de novos desafios associados ao

desenvolvimento da autonomia das crianças, culminando em padrões coparentais de interação deficitários ao longo do tempo (Kwon & Elicker, 2012). Sabemos, ainda, que as relações estabelecidas entre mãe, pai e criança são as melhores preditoras do funcionamento da criança aos 5 anos de idade, algo que se encontra intimamente relacionado ao estilo de vinculação estabelecido (Suess et al., 1992).

Mesmo assim, é de ressaltar que todos os participantes apontam para que, de uma forma geral, os valores e expectativas de educação de ambos estão de acordo. Ou seja, ainda que existam visões distintas, tal pode não ser negativo, dado ser algo visto como normativo num casal, sendo o importante a forma como, em conjunto, abordam e leem estas questões.

4.4. Gestão conjunta das relações familiares

Dentro deste tema, os subtemas da **distribuição do tempo e atenção privilegiando as necessidades da criança** e da **criação de espaço para o casal** surgem relacionados nos discursos dos participantes, sendo-lhes dada grande relevância, visto que ambos os membros do casal concordam que grande parte do seu tempo é dedicado atendendo às necessidades dos seus filhos e à vida doméstica, resultando em pouco tempo e espaço para uma vivência enquanto casal. Como tal, trata-se de uma visão congruente entre membros do casal, assim como entre casais.

C1E: “Tempo de casal não temos. Hobbies também não há (...) e o tempo que estamos em casa é para a *Menina*. (...) ainda estamos mais a viver para ela (...) a fase do casal está ali um bocadinho congelada.”

C1O: “nós deixamos de viver para nós! (...) basicamente nós vivemos para trabalhar. Hobbies deixámos de ter. Praticamente. (...) alguma coisa de tempo para nós não existe. Nesta fase ainda não consegue, ainda não existe.”

As perceções encontradas correlacionam-se com aquelas descritas na literatura, em que se verifica alterações nas dinâmicas estabelecidas entre o casal para incluir uma terceira pessoa, o que inevitavelmente leva a mudanças no funcionamento do sistema familiar e dos novos pais (Cowan & Cowan, 1999, citado por Bateman & Bharj, 2009), ocorrendo reestruturação associada às novas tarefas e exigências desta fase de vida (Barros, 2022). Além disso, ambos afirmam perceber mudanças significativas na sua vida diária, em particular quanto ao tempo disponível para uma vivência de casal, e experienciando menor liberdade para se envolverem em atividades à parte do filho, dado que passa a

existir maior divisão da atenção, focalizada maioritariamente no cuidado da criança (Ahlborg & Strandmark, 2001; Barros, 2022).

Neste seguimento, no subtema **desafios à gestão das tarefas coparentais**, os casais destacam os conflitos que inevitavelmente emergem, por exemplo, associados à sensação de incompreensão por parte do companheiro. Assim, diretamente interligado com este subtema, surge o **papel da comunicação**, em que os participantes se focam nesta enquanto um ponto forte ou então na dificuldade de chegar a consensos, ou ainda identificando flutuações ao longo do seu percurso parental.

C5E: “o nosso ponto forte é a comunicação enquanto equipa (...). Às vezes tem momentos muito bons, outras vezes tem momentos maus. Outras vezes é assim-assim. (...) O meu marido queixa-se muito que eu às vezes não falo quando estou chateada e ele quer falar”

C5O: “nós falamos sempre todos os dias, de como é que foi o dia do outro (...) do que é que ele faz, se fez alguma coisa nova, se não fez, uma palavra nova”.

Face aos conflitos, este consiste num tema extremamente relevante pelo facto de poder influenciar negativamente a relação coparental, visto que altos níveis de conflito identificados pelos pais 15 meses após o nascimento da criança preveem uma menor aliança coparental aos 36 meses de vida do filho, resultando em maiores dificuldades comunicacionais e de apoio face à parentalidade (Curran et al., 2021). Simultaneamente, Ahlborg e Strandmark (2001) apontam que uma comunicação pouco recorrente é a maior causa de insatisfação com a relação conjugal, em particular quando esta se remete maioritariamente e predominantemente a temas relacionados ao bebé. No presente estudo, os casais apontam, efetivamente, no sentido de a presença do seu filho dificultar o tempo disponível para se envolverem em conversas, além de estas acabarem por ocorrer em volta dos filhos, como indica a participante C5E (Anexo 6).

É de apontar, ainda, que as mães fornecem um olhar mais holístico da realidade atual do casal, em particular dos antecedentes e consequências das dificuldades experienciadas, enquanto os pais se remetem às questões mais diretamente relacionadas aos filhos e à identificação global de desacordos. De notar que a conotação atribuída à relação de casal constitui o melhor preditor do envolvimento dos pais homens na vida dos filhos, afetando as práticas parentais e o relacionamento, assim como a capacidade adaptativa da criança nos domínios emocional, cognitivo e social (Cowan et al., 2007).

Estes últimos subtemas foram pouco explorados pela maioria dos participantes, tendo sido constatada congruência apenas nos casais C1 e C5, e incongruência no casal C4. Neste último, o pai refere que a comunicação se manteve semelhante àquilo que acontecia antes do nascimento da sua filha, enquanto a mãe relata diferenças, nomeadamente horários mais restritos para comunicar e um melhoramento após se tornarem pais (Anexo 6).

Por fim, face ao subtema da **proximidade do casal ter sido potenciada pela parentalidade**, os participantes referem que, por apresentarem objetivos comuns relativos à criação dos seus filhos e ao trabalho de equipa subjacente, se tornaram numa equipa mais coesa, culminando numa maior proximidade na sua relação. Contudo, uma das participantes reporta afastamento face ao seu companheiro após o nascimento da filha, contrariando a tendência verificada neste tema (Anexo 6). Além disso, apenas o casal C3 apresenta ambos os membros a fazer menção a esta questão, sendo possível ver congruência nas suas perceções.

C3E: “Acho que uma criança traz uma alegria (...) que reforça a nossa união, (...) o facto de a pessoa se sentir, ok, é uma família, têm aqui um objetivo em comum, que é criar uma criança. Eu acho que isso (...) traz muita satisfação.”

C3O: “acho que isso de alguma forma é compensado com o reforço do companheirismo, (...) a ideia de que somos uma equipa”.

Esta é uma temática extremamente pertinente dado que a literatura aponta para que o nascimento de um filho atue enquanto estabilizador da relação conjugal, reduzindo a probabilidade de separação do casal ou, por outro lado, enquanto deteriorador do funcionamento conjugal, pelo que pode representar um ponto de rutura (Belsky & Hsieh, 1998). Como tal, a perceção dos membros do casal serve enquanto indicador para a compreensão da sua relação atualmente e suas influências na coparentalidade. Assim, uma visão congruente parece apontar no sentido de estabilidade na relação, enquanto uma visão incongruente pode indicar dificuldades que podem minar o futuro da relação e da operacionalização da coparentalidade.

Tendo estas informações em conta, percebe-se que os casais evidenciam maioritariamente visões congruentes perante o tema da gestão das relações familiares, à exceção de um que apresenta predominância de perspetivas distintas nos subtemas subjacentes.

4.5. Viagem de construção da relação coparental

Perante o tema em mãos, verifica-se que apenas o casal C4 aborda em simultâneo a passagem de uma dinâmica a dois para uma dinâmica que inclui também um filho, e as diferentes formas de viver subjacentes a esta mudança, no que concerne o subtema da **organização do trabalho coparental**, sendo que o faz de forma congruente.

C4E: “quando nós não temos filhos (...) temos a nossa personalidade e a nossa forma de pensar, e às vezes somos um bocadinho mais voltados para nós próprios, damos mais valor a questões materiais. Quando nasce um filho, as prioridades (...) se mudarem e se, neste caso, o meu companheiro se dedicar e pensar mais na filha, eu acho que isso eleva a minha expectativa, porque eu quero (...) que pense sempre primeiro nela, que cuide nela e que a ame incondicionalmente”.

C4O: “acho que foi gradual o processo. Ou seja, nós tínhamos a nossa rotina, tínhamos os nossos *timings*, agora, fomo-nos adaptando (...) e aprendendo também com ela, que tínhamos que (...) trocar”.

Por outro lado, as mães dos casais C1 e C5 reportam, respetivamente, sobrecarga perante a forma originalmente implementada para gestão das tarefas coparentais e necessidade de ajuste devido à ausência do seu companheiro durante a semana por motivos de trabalho, enquanto os pais não o identificam. Assim, trata-se de um tema maioritariamente abordado pelas mães, que percecionam maior responsabilidade pelas tarefas coparentais.

Relativamente ao subtema referente ao **crescimento pessoal e enquanto casal** derivado da experiência de se tornarem pais, os casais C1 e C4 adotam pontos de vista positivos do funcionamento da equipa coparental, evidenciando aprendizagens, com exceção de C1E, que privilegia no seu discurso momentos de dificuldade.

C1E: “o primeiro ano foi péssimo. (...) Eu tomava conta de tudo o que era da *Menina* e o meu marido tomava conta de tudo o que era da casa (...). Não foi bom, não deveríamos ter feito assim, porque eu fiquei muito sobrecarregada (...) psicologicamente”.

C1O: “Basicamente nós amadurecemos porque somos pais, tivemos uma experiência e estamos a viver uma experiência que nunca tínhamos vivido (...) já aprendemos muitas coisas que não sabíamos”.

Por fim, no subtema relativo aos **desafios percecionados** ao longo da viagem coparental, identificados pelos casais C3 e C5 de forma congruente, são mencionadas

dificuldades emergentes imediatamente após o nascimento dos filhos, em particular subjacentes ao parto, resultando em complicações na entrada na parentalidade, bem como uma realização efetiva da parentalidade pelo pai apenas após o nascimento do filho.

C5E: “no início tive dificuldade porque eu não estava preparada para ele nascer (...) eu chorei as duas primeiras semanas. (...) tive vinte e duas horas em trabalho de parto e depois o *Menino* também teve dificuldade em nascer (...). o processo para mim acho que foi muito mais doloroso do que para o C5O, para ele o processo foi diferente, porque ele só teve noção que era pai quando o filho saiu cá para fora”

C5O: “acho que nunca se está preparado para o que é ser mãe e pai. (...) o ponto de viragem foi quando vi o *Menino* cá fora pela primeira vez, fora da barriga, aí caiu uma ficha, ‘agora és pai, tens uma criança para educar, para tornar num bom cidadão’. E para C5E foi um período mais difícil, que foi o pós-parto porque os pontos dela infetaram. Ela não se conseguia mexer bem também (...) devia estar bastante cansada porque não foi um parto fácil, foram muitas horas e ela ficou ali com um humor um bocado mais complicado (...), mas completamente compreensível. Não foi fácil para ela e para mim, foi a altura mais difícil”.

Como se percebe nos discursos apresentados, cada membro do casal, após a ingressão na parentalidade, passará por uma reconstrução da sua identidade, adaptando as crenças, valores, objetivos e prioridades em função das novas dinâmicas estabelecidas, o que implicará aumento do *stress* no casal (Barros, 2022). À semelhança dos discursos destas mães, a literatura aponta para que as mulheres evidenciem maior sensação de sobrecarga derivada da conjugação do trabalho doméstico e do desempenhado fora de casa, particularmente devido à perceção de agregarem mais tarefas relacionadas ao seio familiar do que os seus companheiros (Matias et al., 2011; Matias et al., 2012). Posto isto, a gestão de tarefas consome grande parte do seu tempo, culminando numa leitura global das suas experiências como sendo mais negativas e, conseqüentemente, num aumento dos conflitos conjugais (Maas et al., 2018), dado que a divisão de tarefas é simultaneamente um aspeto de organização prático e emocional (Maas et al., 2018). Como tal, ainda que as participantes apontem para a experiência quanto positiva, ou seja, o nascimento do bebé enquanto algo incrivelmente prazeroso, reconhecem os desafios subjacentes que potenciam o decréscimo do prazer associado à relação conjugal, à semelhança daquilo que Pacey (2004) identifica.

De uma forma geral, com exceção do casal C1, pode concluir-se que os casais apresentam uma visão congruente relativa às suas apreciações face à viagem de construção da relação coparental, o que é protetor das dificuldades que podem surgir nesta fase, dado que o processo está a ser vivido de forma semelhante e, desta forma, existe a possibilidade de compreensão e apoio.

4.6. Perceção relativa à cooperação coparental

Dentro deste tema os casais referem um **trabalho de colaboração positivo** e a compreensão pelo cansaço e dificuldade experienciada pelo outro em função da conjugação de papéis, destacando a existência de interajuda nestas questões, o que culmina no bom funcionamento enquanto equipa coparental.

C2E: “a gente coopera os dois bem, porque a gente sabe o quanto, pronto, é desgastante estar a trabalhar. Eu acho que é uma boa equipa realmente. Nunca pensei, mas sim. (...) Acho que tem muita interajuda (...) acho que, pronto, tem um bocadinho de tudo”

C2O: “A equipa é boa (...) a cooperação é boa em si, a gente coopera os dois bem, um faz uma coisa o outro faz outra”.

Simultaneamente, alguns participantes mencionam a comunicação relativa a aspetos associados às tarefas coparentais enquanto positiva, utilizando o diálogo para ultrapassar dificuldades emergentes do processo coparental que originam desacordo.

C5E: “ele está longe, mas não deixa de participar, eu todos os dias falo com ele e digo: ‘olha, aconteceu isto (...) o que é que achas que devo fazer? (...) podemos não ser a melhor equipa, mas eu acho que o importante é a comunicação (...) o nosso ponto forte (...) enquanto equipa.”

C5O: “mais ou menos conversa e conseguimos chegar a um acordo. (...) é uma boa relação, acho que é uma relação frontal, com muito honestidade”.

No entanto, estas questões devem ser analisadas atentamente, dado que alguns participantes as exploram no sentido de algum **desajuste** no funcionamento enquanto equipa coparental. Por exemplo, face à comunicação, são apontadas algumas dificuldades em gerir desacordos, com um adiamento na procura de consenso, falhas na comunicação devido ao cansaço derivado do cuidado de uma criança pequena e da adaptação às novas dinâmicas associadas à coparentalidade.

C3E: “É uma equipa (...) com algumas falhas de comunicação, (...) às vezes alguns sinais de desgaste, que neste momento acho que tem, sobretudo, a ver com o facto de nos encontrarmos tão longe e o facto de não termos muito espaço para as nossas coisas individuais, para os nossos amigos.”

Com isto, verifica-se, na maioria dos casais, visões congruentes perante as suas perceções relativas à equipa coparental, evidenciando-se aspetos positivos que parecem identificar um bom funcionamento coparental e a fácil superação das dificuldades. Tal é extremamente importante visto que a qualidade percecionada da relação coparental se encontra diretamente relacionada com a saúde mental e o ajustamento dos novos pais, assim como com as competências parentais adotadas e, consequentemente, o desenvolvimento da criança (Feinberg et al., 2016). Assim, dado que as maiores dificuldades se associam, como anteriormente exposto, com o cansaço emergente das tarefas realizadas, uma visão concordante, maioritariamente positiva, neste tema associa-se a um fator protetor do desgaste do sistema.

A exceção é casal C1, em que a mãe fornece informações no sentido de algum desajuste no funcionamento enquanto equipa coparental, ao passo que o pai apenas se remete aos seus pontos positivos, particularmente face à comunicação (Anexo 6).

Conclusão, Limitações e Futuras Investigações

Ao longo do processo de análise, foram identificadas omissões por parte dos participantes, muitas vezes com apenas um participante ou casal a fornecer informações. Isto ocorre em subtemas que agregam uma vertente mais negativa dentro da relação coparental, o que pode implicar maior dificuldade por parte dos participantes em partilhar as suas experiências e em identificar dificuldades/disfuncionalidades na relação coparental (Anexo 4). Desta forma, pode estar-se perante um fenómeno de desejabilidade social, ou seja, uma tendência dos participantes em abordarem apenas temas cujos valores são socialmente aceites e desejáveis, com o intuito de obter aprovação (Almiro, 2017). Assim, este aspeto constituirá uma limitação, ao não permitir acesso a mais dados para estabelecer conclusões mais robustas. Destaca-se, ainda, o maior número de omissões nos participantes do sexo masculino.

Por outro lado, os temas mais abordados parecem corresponder àqueles mais evidentes e diretamente associados ao conceito de coparentalidade (e.g. tarefas de cuidado da criança ou da casa) e, portanto, mais fáceis de serem objetivados pelos participantes (Anexo 4).

Atendendo aos resultados apresentados, pode concluir-se, então, que a maioria dos casais apresenta visões concordantes no que respeita as dimensões percebidas e identificadas no presente estudo, como se pode ver na Tabela 3.

Tabela 3: Sintetização das conclusões identificadas na análise realizada

Dimensões da Coparentalidade					Apreciações Acerca do Processo	
	Apoio Coparental	Organização Relativa à Divisão de Tarefas	Valores Educativos	Gestão Conjunta das Relações Familiares	Viagem de Construção da Relação Coparental	Perceção Relativa à Cooperação Coparental
C1	C	C	I	C	I	C / I
C2	C	C	C	C	–	C
C3	I	C	I	C	C	C
C4	C	I	C	C / I	C	C
C5	I	I	I	C	C	C

Legenda: C – congruente; D – incongruente

Importa ressaltar, porém, o facto de se verificar uma lacuna na literatura que explore a coparentalidade sob o ponto de vista dos membros do casal individualmente, atendendo a questões de congruência ou não das suas visões do processo coparental. Como tal, as conclusões apresentadas no presente estudo adquirem um carácter mais descritivo do que interpretativo, por não permitirem tecer associações explícitas a trabalhos anteriores. Ao mesmo tempo, ressalta o carácter inovador do estudo, ao fornecer uma nova perspetiva daquele que é o processo coparental em casais que se encontram a passar pela experiência pela primeira vez.

No sentido de melhor aprofundar as conclusões apresentadas seria relevante a realização de novos estudos, em que mais casais possam explorar aspetos relacionados à coparentalidade sob um ponto de vista pessoal e individual, de modo a tecer conclusões baseadas num maior número de dados. Tal pode ser feito numa perspetiva qualitativa semelhante àquela implementada neste estudo, mas também recorrendo a metodologias quantitativas, através da aplicação de questionários que diretamente explorem os temas aqui identificados. Assim, poderá enriquecer-se esta área de estudo e fornecer bases robustas para uma melhor compreensão da coparentalidade.

Neste seguimento, de um ponto de vista prático, será de interesse considerar que as incongruências identificadas nos discursos dos casais se devem a perceções distintas daquele que é o percurso parental, podendo acentuar as dificuldades sentidas pelos pais. Efetivamente, sabe-se que a parentalidade potencia o afastamento emocional do casal, resultando num aumento dos conflitos, diminuição do tempo disponível para atividades a dois e da satisfação associada à relação conjugal, assim como na sexualidade (Barros 2022), por se tratar de uma fase de transição e ajustamento (Feldman, 2000). Além disso, pais que percecionam a coparentalidade de forma distinta do seu parceiro podem desenvolver humor negativo ou depressivo, o que diminui as interações positivas com a criança, prejudicando a formação de vinculações seguras e o seu bom desenvolvimento, assim como aumenta o nível de frustração, levando a leituras incorretas das interações estabelecidas com o parceiro (McDaniel et al., 2018). Posto isto, visões distintas dos membros do casal dificultam um trabalho simultâneo e ativo que impeça o domínio dos aspetos previamente mencionados, colocando em risco a qualidade da relação conjugal e, conseqüentemente, da relação coparental. Assim, o estudo da congruência de visões pode ser extremamente útil na construção e implementação de planos de prevenção, ao relacionar-se intimamente com os cinco principais domínios das relações familiares que atualmente servem de base para este tipo de programas (Cowan et al., 2007).

Referências

- Abidin, R. R., & Brunner, J. F. (1995). Development of a Parenting Alliance Inventory. *Journal of Clinical Child Psychology*, 24(1), 31–40. https://doi.org/10.1207/s15374424jccp2401_4
- Ahlborg, T., & Strandmark, M. (2001). The baby was the focus of attention—first-time parents' experiences of their intimate relationship. *Scandinavian Journal of Caring Sciences*, 15(4), 318-325. <https://doi.org/10.1046/j.1471-6712.2001.00035.x>
- Almiro, P. A. (2017). Uma nota sobre a desejabilidade social e o enviesamento de respostas. *Avaliação psicológica*, 16(3), 253-386. <http://dx.doi.org/10.15689/ap.2017.1603.ed>
- Arendell, T. (1996). Co-Parenting: A Review of the Literature. <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED454975.pdf>
- Bateman, L., & Bharj, K. (2009). The impact of the birth of the first child on a couple's relationship. *Evidence-Based Midwifery*, 7(1), 16-24. ISSN: 1479-4489. <https://pre.rcm.org.uk/media/2756/evidence-based-midwifery-march-2009.pdf#page=16>
- Belsky, J., & Hsieh, K.-H. (1998). Patterns of marital change during the early childhood years: Parent personality, coparenting, and division-of-labor correlates. *Journal of Family Psychology*, 12(4), 511–528. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.12.4.511>
- Bengtsson, M. (2016). How to plan and perform a qualitative study using content analysis. *NursingPlus open*, 2, 8-14. <https://doi.org/10.1016/j.npls.2016.01.001>
- Bianchi, S. M., Robinson, J. P., & Milke, M. A. (2006). *The changing rhythms of American family life*. Russell Sage Foundation. <https://doi.org/10.1080/15267430902773337>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, 3(2), 77–101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Choy, L. T. (2014). The strengths and weaknesses of research methodology: Comparison and complimentary between qualitative and quantitative approaches. *IOSR journal of humanities and social science*, 19(4), 99-104. <http://doi.org/10.9790/0837-194399104>

- Cowan, C. P., Cowan, P. A., Kline Pruett, M. A. R. S. H. A., & Pruett, K. (2007). An approach to preventing coparenting conflict and divorce in low-income families: Strengthening couple relationships and fostering fathers' involvement. *Family process*, 46(1), 109-121. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2006.00195.x>
- Curran, M. A., Li, X., Barnett, M., Kopystynska, O., Chandler, A. B., & LeBaron, A. B. (2021). Finances, depressive symptoms, destructive conflict, and coparenting among lower-income, unmarried couples: A two-wave, cross-lagged analysis. *Journal of Family Psychology*, 35(4), 489–499. <https://doi.org/10.1037/fam0000821>
- De Carvalho, T. R. (2020). Coparentalidade: Evidências Teoricamente Fundamentadas para Validar a Escala da Relação Coparental (Versão Brasileira). https://ppgpsi-ufscar.com.br/images/arquivos/teses-defendidas/Tese_ThaisRamosDeCarvalho.pdf?fbclid=IwAR3xbteb4ZAtGfaRY0pnOm8qYz4S9Ror-Jk9_h7px1mW1dRKm-bhQTFw1Gc
- Favez, N., Tissot, H., Frascarolo, F., Stiefel, F., & Despland, J. N. (2016). Sense of competence and beliefs about parental roles in mothers and fathers as predictors of coparenting and child engagement in mother–father–infant triadic interactions. *Infant and Child Development*, 25(4), 283-301. <https://doi.org/10.1002/icd.1934>
- Feinberg, M. E. (2002). Coparenting and the transition to parenthood: a framework for prevention. *Clinical child and family psychology review*, 5(3), 173–195. <https://doi.org/10.1023/a:1019695015110>
- Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice*, 3(2), 95-131. https://doi.org/10.1207/S15327922PAR0302_01
- Feinberg, M. E., Jones, D. E., Roettger, M. E., Hostetler, M. L., Sakuma, K. L., Paul, I. M., & Ehrenthal, D. B. (2016). Preventive effects on birth outcomes: Buffering impact of maternal stress, depression, and anxiety. *Maternal and Child Health Journal*, 20, 56-65. <https://doi.org/10.1007/s10995-015-1801-3>
- Feldman, R. (2000). Parents' convergence on sharing and marital satisfaction, father involvement, and parent–child relationship at the transition to parenthood. *Infant Mental Health Journal: Official Publication of The World Association for Infant Mental Health*, 21(3), 176-191. [https://doi.org/10.1002/1097-0355\(200007\)21:3%3C176::AID-IMHJ3%3E3.0.CO;2-4](https://doi.org/10.1002/1097-0355(200007)21:3%3C176::AID-IMHJ3%3E3.0.CO;2-4)

- Frizzo, G.B., Kreutz, C. M., Schmidt, C., Piccinini, C. A., & Bosa, C. (2005). O conceito de coparentalidade e suas implicações para a pesquisa e para a clínica. *Rev Bras Cresc Desen Hum*, 15(3), 84-94. <https://doi.org/10.7322/jhgd.19774>
- Gordon, I., & Feldman, R. (2008). Synchrony in the triad: A microlevel process model of coparenting and parent-child interactions. *Family Process*, 47(4), 465-479. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2008.00266.x>
- Holloway, I., & Todres, L. (2003). The status of method: flexibility, consistency and coherence. *Qualitative research*, 3(3), 345-357. <https://doi.org/10.1177/1468794103033004>
- Kwon, K. A., & Elicker, J. G. (2012). The role of mothers' and fathers' parental control and coparenting in toddlers' compliance. *Early Education & Development*, 23(5), 748-765. <https://doi.org/10.1080/10409289.2011.588042>
- Lamela, D., Nunes-Costa, R., & Figueiredo, B. (2010). Modelos teóricos das relações coparentais: Revisão crítica [Theoretical models of coparenting relations: Critical review]. *Psicologia em Estudo*, 15(1), 205–216. <https://doi.org/10.1590/S1413-73722010000100022>
- Maas, M. K., McDaniel, B. T., Feinberg, M. E., & Jones, D. E. (2018). Division of labor and multiple domains of sexual satisfaction among first-time parents. *Journal of Family Issues*, 39(1), 104-127. <http://doi.org/10.1177/0192513X15604343>
- Maccoby, E. E., Buchanan, C. M., Mnookin, R. H., & Dornbusch, S. M. (1993). Postdivorce roles of mothers and fathers in the lives of their children. *Journal of Family psychology*, 7(1), 24. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.7.1.24>
- Mangelsdorf, S. C., Laxman, D. J., & Jessee, A. (2011). Coparenting in two-parent nuclear families. In J. P. McHale & K. M. Lindahl (Eds.), *Coparenting: A conceptual and clinical examination of family systems* (pp. 39–59). American Psychological Association. <https://doi.org/10.1037/12328-002>
- Margolin, G., Gordis, E. B., & John, R. S. (2001). Coparenting: a link between marital conflict and parenting in two-parent families. *Journal of Family Psychology*, 15(1), 3–21. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.15.1.3>
- Matias, M., Andrade, C., & Fontaine, A. M. (2012). The interplay of gender, work and family in Portuguese families. *Work Organisation, Labour and Globalisation*, 6(1), 11-26. <https://www.jstor.org/stable/10.13169/workorglaboglob.6.1.0011>

- Matias, M., Andrade, C., & Fontaine, A. M. (2011). Diferenças de género no conflito trabalho-família: Um estudo com famílias portuguesas de duplo-emprego com filhos em idade pré-escolar. *Psicologia*, 25(1), 9-32. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v25i1.277>
- McDaniel, B. T., Teti, D. M., & Feinberg, M. E. (2018). Predicting coparenting quality in daily life in mothers and fathers. *Journal of Family Psychology*, 32(7), 904–914. <https://doi.org/10.1037/fam0000443>
- McHale, J. P. (1997). Overt and covert coparenting processes in the family. *Family Process*, 36(2), 183–201. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.1997.00183.x>
- McHale, J. P., & Rotman, T. (2007). Is seeing believing? Expectant parents' outlooks on coparenting and later coparenting solidarity. *Infant Behavior and Development*, 30, 63–81. <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2006.11.007>
- McHale, J. P., Kazali, C., Rotman, T., Talbot, J., Carleton, M., & Lieberman, R. (2004). The transition to coparenthood: Parents' prebirth expectations and early coparental adjustment at 3 months postpartum. *Development and psychopathology*, 16(3), 711-733. <https://doi.org/10.1017/s0954579404004742>
- McHale, J. P., Kuersten-Hogan, R., Lauretti, A., & Rasmussen, J. L. (2000). Parental reports of coparenting and observed coparenting behavior during the toddler period. *Journal of Family Psychology*, 14(2), 220–236. <https://doi.org/10.1037/0893-3200.14.2.220>
- McLaughlin, B. (1983). Child compliance to parental control techniques. *Developmental Psychology*, 19(5), 667–673. <https://doi.org/10.1037/0012-1649.19.5.667>
- Monteiro, L., Verissimo, M., Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 26(3), 395-409. <https://doi.org/10.14417/ap.502>
- O'Hara, M. W., & Swain, A. M. (1996). Rates and risk of postpartum depression – a meta-analysis. *International Review of Psychiatry*, 8, 37-54. <https://doi.org/10.3109/09540269609037816>
- Pacey, S. (2004). Couples and the first baby: Responding to new parents' sexual and relationship problems. *Sexual and Relationship Therapy*, 19, 223-246. <https://doi.org/10.1080/14681990410001715391>
- Patterson, C. J., Sutfin, E. L., & Fulcher, M. (2004). Division of labor among lesbian and heterosexual parenting couples: Correlates of specialized versus shared

- patterns. *Journal of Adult Development*, 11, 179-189.
<https://doi.org/10.1023/B:JADE.0000035626.90331.47>
- Schoppe-Sullivan, S. J., Shafer, K., Olofson, E. L., & Kamp Dush, C. M. (2021). Fathers' parenting and coparenting behavior in dual-earner families: Contributions of traditional masculinity, father nurturing role beliefs, and maternal gate closing. *Psychology of Men & Masculinities*, 22(3), 538–550. <https://doi.org/10.1037/men0000336>
- Solmeyer, A. R., & Feinberg, M. E. (2011). Mother and father adjustment during early parenthood: The roles of infant temperament and coparenting relationship quality. *Infant Behavior and Development*, 34(4), 504-514.
<https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2011.07.006>
- Suess, G. J., Grossmann, K. E., & Sroufe, L. A. (1992). Effects of infant attachment to mother and father on quality of adaptation in preschool: From dyadic to individual organisation of self. *International journal of behavioral development*, 15(1), 43-65. <https://doi.org/10.1177/016502549201500103>
- Van Egeren, L. A. (2003). Prebirth predictors of coparenting experiences in early infancy. *Infant Mental Health Journal: Official Publication of The World Association for Infant Mental Health*, 24(3), 278-295.
<https://doi.org/10.1002/imhj.10056>
- Van Egeren, L. A. (2004). The Development of the Coparenting Relationship Over the Transition to Parenthood. *Infant Mental Health Journal*, 25(5), 453–477. <https://doi.org/10.1002/imhj.20019>
- Van Egeren, L. A., Hawkins, D. P. (2004). Coming to Terms with Coparenting: Implications of Definition and Measurement. *Journal of Adult Development*, 11(3), 165–178.
<https://doi.org/10.1023/B:JADE.0000035625.74672.0b>
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar tarefas? Papéis e funções de pai e mãe na família contemporânea. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 21, 181-186. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722005000200008>
- Westerman, M. A., & Massoff, M. (2001). Triadic coordination: An observational method for examining whether children are "caught in the middle" of interparental discord. *Family Process*, 40(4), 479–493. <https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2001.4040100479.x>

Anexos

1. Anexo 1 – Síntese da caracterização da amostra

Tabela 4: Caracterização sociodemográfica da amostra

Código	Sexo	Idade	Estado Civil	Escolaridade	Situação Profissional	Setor Profissional	Rendimento Agregado Familiar	Regime de Trabalho
C1E	Feminino	43	Casado	Licenciatura	Empregado	Atividades de saúde humana e apoio social	600€ a 1200€	Máximo de 30h semanais
C1O	Masculino	37	Casado	12º ano	Empregado	Transportes e armazenagem	1200€ a 1800€	Tempo Inteiro
C2E	Feminino	22	União de Facto	12º ano	Empregado	Alojamento, restauração e similares	1200€ a 1800€	Tempo Inteiro
C2O	Masculino	22	União de Facto	9º ano	Empregado	Administração pública e defesa	600€ a 1200€	Tempo Inteiro
C3E	Feminino	34	Casado	Licenciatura	Empregado	Administração pública e defesa	Acima de 4200€	Tempo Inteiro
C3O	Masculino	31	Casado	Licenciatura	Licença de Acompanhamento	–	Acima de 4200€	Tempo Inteiro
C4E	Feminino	31	Casado	Mestrado	Empregado	–	1200€ a 1800€	–

C4O	Masculino	40	Casado	Licenciatura	Empregado	Atividades de consultoria, científicas, técnicas e similares	1200€ a 1800€	Tempo Inteiro
C5E	Feminino	32	Casado	Mestrado	Empregado	Alojamento, restauração e similares	1200€ a 1800€	Tempo Inteiro
C5O	Masculino	32	Casado	Licenciatura	Empregado	Outras atividades de serviço	1200€ a 1800€	Tempo Inteiro

2. Anexo 2 – Consentimento informado

Objetivo Geral:

O estudo **ADAPT – Pais em Equipa: Aprender a coparentalidade** pretende analisar o modo como os novos pais pensam acerca da parentalidade. A decisão de ter filhos é uma decisão cada vez mais ponderada e caracterizada por grandes incertezas; deste modo gostaríamos de compreender as razões que o/a levaram a decidir ter um filho, quais os fatores que julga que poderão ajudar ou dificultar a conciliação da vida pessoal, familiar e profissional após o nascimento do/a seu/sua filho/a e quais os apoios que espera vir a receber ou que considera importantes para esta nova fase de vida. Este estudo está inserido no estudo internacional designado por **COPAGLOBA: Aprender a coparentalidade** que conta com participantes de Portugal, Finlândia e Japão.

Participantes:

A participação consiste numa entrevista via Zoom cujo registo áudio será armazenado para facilitar a transcrição das mesmas e no preenchimento online de um questionário sobre aspetos sociodemográficos e de caracterização familiar e individual. Logo após a transcrição, os registos áudio da entrevista serão destruídos. Os dados recolhidos são tratados apenas de forma coletiva e todos os dados são confidenciais.

A sua colaboração é voluntária e anónima. Nesse sentido, continuaremos a recorrer exclusivamente ao código atribuído no início do estudo em toda a documentação.

Poderá em qualquer momento cessar a sua colaboração no estudo sem qualquer prejuízo.

Benefícios da participação no estudo:

Ao participar neste estudo estará a tomar parte de um projeto de investigação internacional único que produzirá informação sobre o bem-estar das famílias e sobre os fatores que promovem ou enfraquecem a cooperação entre os pais. Os resultados deste estudo irão permitir compreender o modo como a parentalidade é vivida nos dias de hoje e quais as necessidades de apoio dos recém pais.

Potenciais custos ou riscos da participação no estudo:

A participação neste estudo não engloba qualquer risco acrescido para além do tempo gasto nas entrevistas e no preenchimento do questionário. Algumas questões poderão

suscitar emoções mais negativas para alguns participantes, no entanto, todos os materiais foram desenvolvidos para minimizar esses potenciais efeitos.

Apoios ao estudo:

O estudo foi apoiado e financiado pela Academia da Finlândia.

Famílias em que ambos os elementos participem nas entrevistas e preencham o questionário online serão compensados com um vale em formato cartão no valor de 30€.

Devolução de resultados e reconhecimento aos participantes:

Os materiais do estudo foram desenvolvidos respeitando as boas práticas de investigação, tendo os materiais do estudo e processo de recolha e análise de dados obtido o parecer positivo da comissão de ética da FPCEUP (Parecer 2020/02-4).

Pretende-se divulgar os resultados do estudo através de teses de mestrado, publicações científicas e apresentações em congressos, bem como através de um relatório síntese dos resultados. Todos os resultados serão reportados garantindo o anonimato dos participantes.

Pode obter mais informação sobre o estudo pelo email: adapt@fpce.up.pt

Investigadoras/es: As/os investigadoras/es deste projeto comprometem-se a:

- Esclarecer os participantes sobre eventuais dúvidas que se prendam com a participação no estudo;
- Garantir confidencialidade sobre os dados que forem fornecidos pelos participantes;
- Manter qualquer uso de citações das entrevistas anónimo e sem qualquer informação que identifique o participante;
- Utilizar os dados fornecidos pelos participantes somente para fins de investigação científica.

Investigadoras/es associados ao projeto:

Marisa Matias

Paula Mena Matos

Tiago Ferreira

Beatriz Melim

Carolina Garraio

Matilde Carvalho

Agradecemos muito o seu tempo e a sua colaboração!

Consentimento Informado

- Recebi informação acerca deste estudo e dos seus objetivos.
- Li e compreendi toda a informação prestada.
- Esclareci as minhas dúvidas acerca do estudo.
- Aceito participar no estudo e estou ciente que a minha participação é voluntária, que posso desistir em qualquer altura sem qualquer prejuízo, e que não existem riscos acrescidos da minha participação.
- Foi-me garantido que todos os dados são confidenciais e serão usados apenas em conjunto para fins de investigação científica.

Abril de 2022

3. Anexo 3 – Questões do guião de entrevista analisadas no presente estudo

Coparentalidade como uma viagem

3. Pensando agora na cooperação entre si e a/o sua/seu companheira/o...
 - 3.1. Como descreveria a forma como você e o/a seu/sua companheiro/a, hoje, cooperam enquanto pais? (O que funciona bem entre vocês e o que não funciona tão bem? Poderia dar alguns exemplos?)
 - 3.2. Se pensar nos dois enquanto uma equipa, como a descreveria? (Que papel desempenha nesta equipa de pais?)
 - 3.3. Quais são os vossos pontos fortes enquanto equipa? O que gostaria de mudar, na forma como você e o/a seu/sua companheiro/a trabalham em equipa?
 - 3.4. No que diz respeito à forma como você e a/o sua/seu companheira/o são pais em conjunto, como tem sido a vossa viagem (o vosso percurso), desde a gravidez até hoje? Que tipo de mudanças ou pontos de viragem importantes houve na sua viagem de ser mãe/pai em conjunto com os/a seu/sua companheiro/a? Como é que estas mudanças afetaram a vossa cooperação enquanto pais?

- 3.5. Se agora voltarmos ao início desta viagem e pensarmos nas expectativas e desejos que tinham durante a gravidez relativamente à forma como iriam cooperar como pais, de que forma têm sido satisfeitas estas expectativas e desejos? Alguma coisa o/a surpreendeu?

Relações de casal e parentalidade

4. Depois do nascimento de uma criança, alguns aspetos podem mudar na vida de um casal. Por isso, gostaríamos agora de falar sobre a sua relação conjugal e o vosso apoio mútuo.
- 4.1. Que mudanças aconteceram na vossa relação conjugal desde que se tornaram pais?
- 4.2. Como descreveria a relação com o/a seu/sua companheiro/a, atualmente? Como é a vossa comunicação? Como partilham experiências?
- 4.3. Já me foi falando da forma como você e o/a seu/sua companheiro/a trabalham em equipa. Para além dessa área que foi falando, como é que o/a seu/sua companheiro/a o/a apoia na sua forma de ser mãe/pai? Como é que (nome do entrevistado) apoia o/a seu/sua companheiro/a?
- 4.4. Que tipo de *feedback*, positivo e negativo, lhe dá o/a seu/sua companheiro/a, relativamente à sua forma de ser mãe/pai? Como é que se sente com o *feedback* que recebe? (Como é que demonstra o seu apreço pela forma como o/a seu/sua companheiro/a é pai/mãe?)
- 4.5. A parentalidade é algo muito exigente para todos os pais e é natural que, no processo de adaptação a esta nova tarefa de vida, nem sempre haja acordo entre o casal. Posto isto, gostaria de lhe perguntar se há algum tema específico relacionado com o/a seu/sua filho/a e/ou com a parentalidade sobre o qual você e o seu companheiro/a discordam? Quando têm desacordos ou discutem, como é que lidam com isso?

4. Anexo 4 – Temas e subtemas: definições e exemplos

Tabela 5: Temas, subtemas e componentes do presente estudo – definições e exemplos

Dimensão	Tema	N	Subtema	N	Componente	N	Definição	Exemplo
Dimensões da coparentalidade	Apoio Coparental	10	Coparentalidade Apoiantes	10	Instrumental	9	Afirmação das competências parentais, do apoiar da autoridade na tomada de decisões e do reconhecimento e respeito pelas contribuições do outro (Feinberg, 2002), direcionando a tarefa coparental no sentido de atingir os objetivos estabelecidos	C4E: “se eu precisar ele (...) coopera comigo e vai levá-la, por exemplo, todos os dias de manhã à creche (...). o apoio que eu dou é ao nível, pronto, de experiência, conhecimento”
					Relacional / Emocional	6	(Coparentalidade Apoiantes); ou desconexão entre os membros do casal pela não compreensão por parte do parceiro das necessidades de apoio no que respeita à operacionalização da relação coparental, culminando em comportamentos e estratégias que dificultam o cumprimento dos objetivos	C1E: “ele elogia-me bastante (...) na forma como eu faço as coisas (...) porque ele diz: ‘sabia que ias ser boa mãe, mas não estava à espera que fosses... que fosses assim’.”
					Não Especificado	2		C3E: “Eu acho que (...) ele apoia (...), neste momento, simplesmente estando presente (...) por não ter trabalho, faz com que ele (...) me apoie muito”
			Desconexão Coparental	2	Instrumental	2	(Desconexão Coparental).	C5E: “(...) ele também não se chegava muito à frente. Eu às vezes eu dizia-lhe a ele: ‘olha, tu... tu ajudas menos que aquilo que achas que ajudas’.”

			Emocional	1		C3E: “Às vezes não (...) percebe que eu preciso dele de uma determinada forma, não necessariamente (...) para ser mãe, mas para (...) não ter que fazer determinadas coisas sozinha e tenho que verbalizar isso”
Organização Relativa à Divisão de Tarefas	10	Estabelecido	6		Repartição dos deveres, tarefas e responsabilidades relacionadas aos cuidados da criança, às rotinas diárias e ao seio doméstico, assim como às questões financeiras, médicas e legais (Feinberg, 2002) de forma clara, atribuindo papéis específicos (Divisão Estabelecida), ou com pouca divisão, com alternância das responsabilidades coparentais (Divisão Flexível).	C3O: “percebemos o que é que era mais fácil, para um e para o outro (...) por exemplo, dar-lhe o banho era uma coisa que eu gostava de fazer. Rapidamente percebemos que escolher a roupa é uma coisa que C3E gosta de fazer (...), a C3E tem (...) uma maior capacidade de planeamento das refeições (...)”
		Flexível	7			C2O: “É em simultâneo. Ou ela lava a roupa eu fico com a pequena, ou eu estendo a roupa e ela vai dar banho à menina. (...) a gente ajuda-se em simultâneo nas coisas, nos serviços de casa domésticos, no tomar conta dela, no (...) estar com ela”
Valores Educativos		Em Acordo	9		Exploração de se o alinhamento relativamente à disciplina, valores morais, segurança, formas de educação	C1E: “não há um tema (...) que um quer que seja para direita e o outro para a esquerda, não há”

Gestão Conjunta das Relações Familiares	10	Em Desacordo	5	e suas prioridades se encontra em Acordo , com partilha destes valores e contribuindo simultaneamente para esta tarefa, em Desacordo , com ambos a procurarem contribuir para o seu estabelecimento, ou se são Estabelecidos Unilateralmente , com um membro do casal a se sobrepor no estabelecimento destes valores.	C5O: “A C5E é um bocado mais rígida quanto aos horários (...), quanto às rotinas (...). Há coisas que eu deixo fazer com mais facilidade do que ela, por exemplo, ele sujar-se, ir para a terra, deixo andar todo sujo que não me chateio (...). Ela é mais cuidadosa com isso”.
		Estabelecidos Unilateralmente	3		C4E: “deixa-me à vontade para eu poder tomar decisões (...) deixa-me um bocadinho à vontade para decidir mediante a necessidade da minha bebé. Acabo, às vezes, eu um bocadinho nortear o caminho a tomar”
	10	Distribuição do Tempo e Atenção Privilegiando as Necessidades da Criança	9	Forma de gestão em conjunto da família e modelação das interações que nesta se estabelecem. Aborda a organização do tempo em termos do cuidado dos filhos, realização de tarefas domésticas e outros aspetos relacionados à vida em família (Distribuição do Tempo e Atenção Privilegiando as Necessidades da Criança), o tempo e espaço disponíveis para o casal,	C4E: “nós tentamos que seja equitativo, mas acaba por a atividade laboral e os cuidados à filha se sobrepor um bocadinho às horas de descanso e de lazer”
		Criação de Espaço para o Casal	8		C3E: “eles consomem um espaço tão grande na nossa vida quotidiana que, a certa altura, o único tempo que temos a dois muitas vezes é a noite. o foco muda tanto que o espaço (...) a dois tem que

Apreciações acerca do processo	Processo de Construção da Relação Coparental	Organização do Trabalho Coparental	4	excluindo questões relacionadas aos filhos (Criação de Espaço para o Casal), dificuldades percebidas relativamente à gestão da vida familiar	ser procurado ativamente (...). uma coisa que também muda drasticamente, arranjarmos tempo para estarmos só os dois, para namorar.”
				Parentalidade a Potenciar a Proximidade do Casal 6	C2O: “(...) a relação até fica mais forte, porque qualquer coisa é para a menina”.
				Papel da Comunicação 5	C4E: “aproveitemos a hora do jantar e momentos que (...) são mais calmos para dialogar um bocadinho (...) Eu acho que [<i>a comunicação</i>] até está melhor, está mais aberta, está mais frontal, eu acho que está melhor”
				Desafios à Gestão 3	C1O: “às vezes de haver pequenas chatices, claro, porque há sempre, é impossível não haver num casal pequenas coisas, ou uma discussãozita ou outra”.
Apreciações acerca do processo	Processo de Construção da Relação Coparental	Organização do Trabalho Coparental	4	Marcos relevantes que caracterizam o percurso coparental, explorados através de reflexões das experiências. Engloba questões assentes na evolução da gestão	C5E: “nós vamos nos adaptando conforme as mudanças. Eu e o meu marido é assim (...) O que é que ele podia falar durante a semana? Ele não

[illegible]

Desajuste no Funcionamento em Equipa Coparental		Comunicação	5	coparental e do seu cumprimento de forma satisfatória), revelando	C4E: “acabamos por gradualmente ir conversando, (...) quando algo não está bem tentar através do diálogo ajustar”
	4	Trabalho Coparental	1	Funcionamento Enquanto Equipa Coparental, quer negativa, (dificuldades comunicacionais e sobrecarga relativa ao trabalho coparental), que dificultam o bom funcionamento da relação, revelando	C1E: “eu fiquei muito sobrecarregada por a <i>Menina</i> ser um bebé que chorava dia e noite, fiquei muito sobrecarregada psicologicamente”.
		Comunicação	4	Desajuste no Funcionamento em Equipa Coparental.	C5O: “o que às vezes falha é a forma de comunicar às vezes não é melhor, ou eu ou ela falhamos por algum motivo, nos exaltamos assim, mas acho que é normal também”

5. Anexo 5 – Análise do perfil dos casais

Neste último ponto procedemos a uma análise integrada, casal a casal, das diferentes dimensões em análise.

Primeiro casal

O casal C1 apresenta número de congruências e incongruências em igual proporção, sendo um dos dois em que tal ocorre. Tal pode dever-se ao facto de a mãe deste casal adotar predominantemente pontos de vista negativos, muitas vezes simultâneos aos relatos positivos. Com isto, expõe a evolução da coparentalidade e das suas vivências após o nascimento da criança que engloba, simultaneamente, aspetos que funcionaram menos bem e dificuldades na gestão, que necessitaram de correções, assim como crescimento derivado da agregação de experiências, resultando num momento atual positivo. O pai, por outro lado, atende-se preponderantemente a relatos positivos, raramente mencionando algo noutra sentida, pelo que pode tratar-se de um viés de desejabilidade social, que deve ser atendida.

Um exemplo desta dualidade são as respostas à categoria relativa à viagem de construção da relação coparental, em que a mãe aponta que se sentiu extremamente sobrecarregada com a forma originalmente implementada para gestão das tarefas coparentais, ao passo que o pai se remete a um ponto de vista positivo, de aprendizagem e crescimento resultado da experiência de se tornarem pais.

Assim, denota-se uma visão global discrepante, o que aponta para diferentes leituras do seu percurso coparental, o que pode tratar-se de um fator de risco no funcionamento enquanto equipa coparental a longo prazo.

Segundo casal

Antes de mais, é de referir o pouco aprofundamento das respostas deste casal (C2) às questões colocadas, levando a omissões consideráveis perante as categorias de análise. Como tal, não fornecem informações tão completas acerca desta primeira experiência parental, nomeadamente aspetos específicos do seu percurso, o que pode influenciar as conclusões. Mesmo assim, é de apontar que estas omissões são congruentes, ou seja, ambos os membros do casal não fornecem informações nos mesmos subtemas, o que parece evidenciar semelhança relativamente à leitura daquela que tem sido a sua experiência individual e enquanto casal.

Destaca-se, portanto, o facto de ambos apresentarem uma linha de pensamento muito semelhante, com leituras também elas idênticas face aos temas relacionados à coparentalidade, com pequenas discrepâncias a serem vistas somente em exemplos discursivos muito particulares e não na apreciação global da experiência. Assim, a sua visão é concordante, parecendo ser um bom indicador do funcionamento coparental.

Terceiro casal

De uma forma geral, o casal C3 apresenta uma visão muito congruente no que diz respeito às leituras efetuadas do seu percurso coparental, remetendo-se a momentos e a experiências específicos semelhantes. A exceção são algumas questões relacionadas, por exemplo, com o apoio fornecido, que evidenciam discordância, em que a mãe aponta enquanto negativo ter de fornecer *feedback* constante ao seu companheiro do tipo de apoio que necessita, ao passo que este o percebe enquanto um indicador de que a relação está a funcionar de forma positiva. Como tal, verifica-se uma leitura mais holística do processo coparental por parte da mãe.

É preciso, ainda, atender ao facto de apresentarem uma dinâmica distinta da habitual, com o pai responsável pelos cuidados gerais do bebé e da casa, dado que se encontra em licença de acompanhamento do cônjuge, enquanto a mãe mantém a sua atividade profissional, assim como a existência de um apoio externo fornecido pela avó materna da criança e por uma ama. Como tal, os temas que apresentam incongruência podem dever-se à organização atual, influenciando a percepção da operacionalização da coparentalidade.

Mesmo assim, percebe-se um bom funcionamento, retratado nos seus discursos e nas congruências de perspetivas, o que será um bom indicador da operacionalização da coparentalidade neste casal.

Quarto casal

Face ao casal C4, é possível perceber grelhas de leitura distintas em alguns temas, mesmo perante situações em que, em geral, parecem demonstrar congruência, como é o caso da forma de gestão das relações familiares, em que o pai refere homeostasia e adota visões positivas perante a comunicação e os tempos de casal, enquanto a mãe relata mudanças e visões mistas do percurso face aos mesmos temas.

No entanto, verifica-se a prevalência de congruência perante os temas referentes à coparentalidade abordados neste estudo, o que aponta no sentido de este casal

experienciar de forma semelhante a vivência do nascimento do primeiro filho, assim como as relações que se estabelecem no sistema familiar. Mais se acrescenta que as congruências se referem, maioritariamente, a uma coparentalidade positiva, o que atua no sentido protetor da relação.

Quinto casal

Antes de mais é necessário atender neste casal (C5), em simultâneo à análise efetuada, o facto de atualmente não se encontrarem a morar juntos durante a semana, dado que o pai se encontra a trabalhar fora e só volta ao fim-de-semana, com a mãe a adotar todas as tarefas parentais sozinha o restante tempo. Este é um aspeto de extrema relevância, já que influencia as leituras que cada membro do casal faz das situações, devido à maior ou menor proximidade no momento dos acontecimentos e no papel mais ou menos ativo nas tarefas coparentais. No entanto, ambos apontam o pai como permanecendo ativamente envolvido na gestão coparental com a mãe, numa relação de casal, mas com um distanciamento prolongado.

Mesmo assim, é de referir que esta configuração pode estar a resultar numa tentativa deste pai de fazer transparecer no seu discurso aspetos mais positivos da relação em geral e dele em particular. Tal explicaria algumas das incongruências verificadas, nomeadamente no papel de cada um no estabelecimento dos valores educativos da criança e na forma como percecionam a divisão das tarefas, com este pai a adotar uma visão mais positiva e equitativa do que a sua companheira. Também explicaria o facto de apresentarem congruências e incongruências em número semelhante perante os temas abordados. Posto isto, a organização atual deste casal potencia perceções discrepantes perante a operacionalização da coparentalidade.

6. Anexo 6 – Citações associadas à análise

Tabela 6: Exemplos de citações relacionadas à análise efetuada

Casal	Temática	Citações	
		Mãe	Pai
C1	Pontos de vista adotados na leitura da evolução da coparentalidade	C1E: “Muitas vezes nós temos dificuldades em comunicar (...) temos os nossos conflitos, mas lá está, os conflitos têm a ver com (...) o cansaço, basicamente, tem a ver com o facto de nós não dormirmos. (...) nós vivíamos, éramos muito atentos um ao outro, muito atentos às necessidades um do outro, e agora, o meu companheiro queixa-se bastante, (...) não conseguimos ter essa atenção um com o outro. (...) Porque acabamos por ter que colocar a atenção na <i>Menina</i>”. “a forma como nós [<i>cooperamos</i>] sempre foi boa. (...) acho que nós funcionamos bem.” “nós vivíamos, éramos muito atentos um ao outro, muito atentos às necessidades um do outro, e agora, o meu companheiro queixa-se bastante, (...) não conseguimos ter essa atenção um com o outro. (...) Porque acabamos por ter que colocar a atenção na <i>Menina</i>”.	C1O: “às vezes de haver pequenas chatices, claro, porque há sempre, é impossível não haver num casal pequenas coisas, ou uma discussãozita ou outra”. “Eu acho que nós cooperamos muito bem. Nós funcionamos bem como equipa. (...) eu acho que nós temos um bom entendimento, apesar às vezes do cansaço e às vezes de haver pequenas chatices (...). Apesar de tudo, nós continuamos a gostar muito um do outro”;
		Apoio relacional/emocional; desconexão no apoio; desafios percecionados; papel da comunicação e sua relação com o funcionamento enquanto equipa coparental	

C3	Congruências de maior relevância	C2E: “a gente coopera os dois bem, porque a gente sabe o quanto, pronto, é desgastante estar a trabalhar. Eu acho que é uma boa equipa realmente. Nunca pensei, mas sim. (...) Acho que tem muita interajuda (...) acho que, pronto, tem um bocadinho de tudo, digamos assim.”. “eu repreendo o outro não vai dizer nada, porque se esse está a repreender é porque teve razão”	C2O: “A equipa é boa (...) a cooperação é boa em si, a gente coopera os dois bem, um faz uma coisa o outro faz outra” “discordar não, às vezes ela não está certa da maneira que fala e eu digo a ela: ‘oh, não devias falar assim’ (...) em questão disso a gente não tem razões de queixa”
	Pontos de vista adotados na leitura da evolução da coparentalidade	C3E: “Acho que ele me diz várias vezes ‘Não sejas tanto assim’ ou ‘Sê mais assim’. (...) Acho que é importante. (...) Eu acho que (...) também apoio. Acho que lhe dou espaço (...) para as brincadeiras dele e acho que neste momento lhe dou todo o espaço para ele fazer o que quiser fazer com a menina.”	C3O: “Se eu vejo a <i>C3E</i> brincar com a <i>Menina</i> e gosto, eu digo-lhe, não é, que a gosto de ver brincar com a filha. (...) ela faz questão de me dizer aqui e ali que acha que eu sou um bom pai e isso é bom. É bom de se ouvir. (...) verbalizamos quando achamos que é importante, principalmente se é algo (...) em relação ao qual sabemos que o outro, à partida, tem menos confiança ou mais dúvida”.
	Dinâmica particular	C3E: “ela tem uma ama, uma Nanny. Portanto, uma ama que está cá... que é ao mesmo tempo a pessoa que trata da nossa casa e que vem todos os dias (...). A minha mãe chegou em outubro, chegou um bocadinho mais tarde do que nós (...). portanto, ela tem bastante companhia (...) está com a Nanny e a minha mãe agora também está cá (...). o facto de também termos aqui temporariamente a outra avó, a minha mãe, também, também ajuda bastante”	C3O: “neste momento, até está cá a minha sogra, portanto... até... são os dias mais descansados que eu tenho. (...) tenho muita ajuda da parte da nossa empregada/ama e tenho ajuda também da minha sogra que está aqui”

C4	Pontos de vista adotados na leitura da evolução da coparentalidade	C4E: “aproveitemos a hora do jantar e momentos que (...) são mais calmos para dialogar um bocadinho (...) Eu acho que [<i>a comunicação</i>] até está melhor, está mais aberta, está mais frontal , eu acho que está melhor (...). acho que [<i>a relação</i>] se fortaleceu com o nascimento dela”. “considero que somos uma boa equipa, dentro das nossas possibilidades (...) eu acho que é um amor doentio, pronto. É muita dedicação, acho que é a dedicação, o amor”	C4O: “continuamos a partilhar da mesma forma, a comunicar um com o outro da mesma forma , porque temos tempo durante o dia”.
	Dinâmica particular	C5E: “como ele está só ao fim-de-semana , quem (...) faz as atividades com o <i>Menino</i> ao fim-de-semana é o pai (...). ao fim-de-semana ele estende a roupa, eu deixo a roupa para estender ele estende, ele lava a loiça, pronto, também não digo, não posso dizer que ele não faz nada”	C5O: “Eu mudei de trabalho há 3 meses, mais ou menos. Eu estava a trabalhar aqui perto e agora estou deslocado durante a semana, só venho a casa ao fim-de-semana . (...) A minha mulher está com ele sempre (...) todos os dias, só sábado é que fico eu com ele e a terça-feira ele vai para a minha mãe”
C5	Pontos de vista adotados na leitura da evolução da coparentalidade	C5E: “Às vezes vamos os dois só jantar sozinhos, deixamo-lo, passamos a vida a falar dele , todos contentes e: ‘olha, ele fez isto, e olha, ele fez aquilo!’ (...) Claro que também nos divertimos em conjunto, mas o nosso filho é aquilo... é a maior alegria que nós temos os dois”	C5O: “o tempo com a família eu acho que podia ser mais (...) Mas já que estou fora, não dá. Há muitas vídeochamadas, mas não é a mesma coisa. (...) já aconteceu (...) pedirmos a alguém para ficar com ele de noite para nós irmos os dois jantar fora, namorar um pouquinho (...), para estarmos só os dois descansados, para irmos passear um fim-de-semana (...) se quisermos ir jantar com amigos ou assim, às vezes já pensamos duas vezes, se dá, se não dá.”